REVISTA BZZZ
ANO 8 | Nº 99 | OUTUBRO 2021/FEVEREIRO 2022

BLAG
CONHEÇA O SANATÓRIO QUE REUNIU GÊNIOS DAS LETRAS E DAS CONTROVÉRSIAS

ÁGUA
SONHO QUE SE REALIZA NO RN

GÊNIO
A HISTÓRIA ROMANCEADA DE K-XIMBINHO

PATRIARCA DO SERIDÓ
O CORONEL QUE MAIS REUNIU PODER E PRESTÍGIO NO RN

FORTALEZA
SERÁ O FORTE DOS REIS MAGOS UMA OBRA DE ESTILO MEDIEVAL?

AVOANTE
NELSON MATTOS DESMISTIFICA OS PERIGOS DE VIDA A BORDO

LISBOETAS
NOVIDADES AQUI E ALHURES

CONHECIMENTO

A PANDEMIA DE COVID SURGIU EM VELOCIDADE PARALELA A DA TECNOLOGIA. NESSE EMBATE DE TITÃS, A CIÊNCIA GANHOU PROTAGONISMO. COM O CENÁRIO AINDA TURBULENTO, NOSSA ENTREVISTA DE CAPA NÃO PODERIA SER DIFERENTE: O REITOR JOSÉ DANIEL DINIZ MELO, DA UFRN, FOCO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

consórcios

A alternativa que facilita as suas conquistas.

· Automóveis

· Serviços

· Imóveis

· Sustentável

· Automóveis Pesados

· E muito mais

Seja qual for o seu objetivo, a gente **realiza junto.**

Simule em
sicredi.com.br/consorcios
e contrate em sua agência.

Siga-nos nas redes sociais e saiba mais.
@sicredirio grandedonorte
sicredi.com.br/riograndedonorte

Sicredi

SAC - 0800 724 7220 **Deficientes Auditivos ou de Fala** - 0800 724 0525. **Ouvidoria** 0800 646 2519.

ROJÃO

Eita, que esta edição da Bzzz demorou mais um pouco para sair. Ufa! Mais uma nasceu, para esta comelmeia e informações e histórias. E no recheio das páginas temos uma interessante história: a do Sanatório da Imprensa, pioneiro em algumas ideais virtuais. Não tinha blog. Era blag. E seu histórico de comentários se antecipou ao Twitter. Criado das ideais irreverentes, sarcásticas e geniais do jornalista e publicitário Alex Medeiros, teve textos assinados por feras nacionais e internacionais, como Gerald Thomas, Augusto Nunes, Zuenir Ventura, Olavo de Carvalho, Dalton Mello e mais. Além do humor ácido com os codinomes Ugo Vernomentti, Clark Quente, Jekyll & Hyde, Armando Nojeira, Joca Quifurya, Rocas Quintas, Deu na Lata, Gal Inácia, Emma Thomas e O Indormido. Deleitem-se!

A importância da água foi tão marcante na minha vida que não poderia deixar de trazer nesta edição um resumo de um passado não tão distante e a chegada da tão esperada água prometida do Rio São Francisco ao RN. Em tempos de pandemia e ciência em imensa evidência, nossa entrevista de capa não poderia ser outra: o reitor da UFRN, José Daniel Diniz, que fala sobre esses tempos difíceis no centro de tudo: ensino, pesquisa e extensão. Retomamos três interessantes histórias, agora com outro foco e mais informações. Ivan Lira traça como em conto romanceado a trajetória do gênio K-Ximbinho. Anderson Tavares de Lyra pormenoriza a vida e feitos daquele que foi o coronel potiguar com mais poder e prestígio no RN: José Bezerra de Araújo Galvão. Será a Fortaleza dos Reis Magos uma obra de estilo medieval? Minervino Wanderley elenca passo a passo e suas muitas curiosidades. O viajante Nelson Mattos conta sobre os perigos que não mais existem para se jogar nos mares. E eu continuo com os passeios pelo RN, Brasil e Portual.

Eliana Lima
Editora

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznoticias.com.br

@revistabzzz

Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

ALEX MEDEIROS, AURA MAZDA,

ANDERSON TAVARES DE LYRA,

HAROLDO VARELA,

IVAN LIRA DE CARVALHO,

MINERVINO WANDERLEY,

NELSON MATTOS FILHO

CAPA

CÍCERO OLIVEIRA

A Carteira de Estudante 2022 Tá ON

Com ela você só tem a ganhar!

Meia passagem nos ônibus de Natal

Meia entrada nos eventos da cidade

Clube de Descontos NatalCard
(saúde, lazer,educação, estética e muito mais)

Faça já a sua!

Valor: R$ 30,00

POSTOS NATALCARD
(ZONA SUL OU ZONA NORTE)
(RECEBA NA HORA)

PEÇA JÁ A SUA PELO APP MEU NATALCARD
(RECEBA EM CASA)

PORTAL DO ESTUDANTE NATAL
(PORTALDOESTUDANTE NATAL.COM.BR)

Valor:
R$ 30,00

(84) **99179-7541**

natalcard **natalcard**.com.br

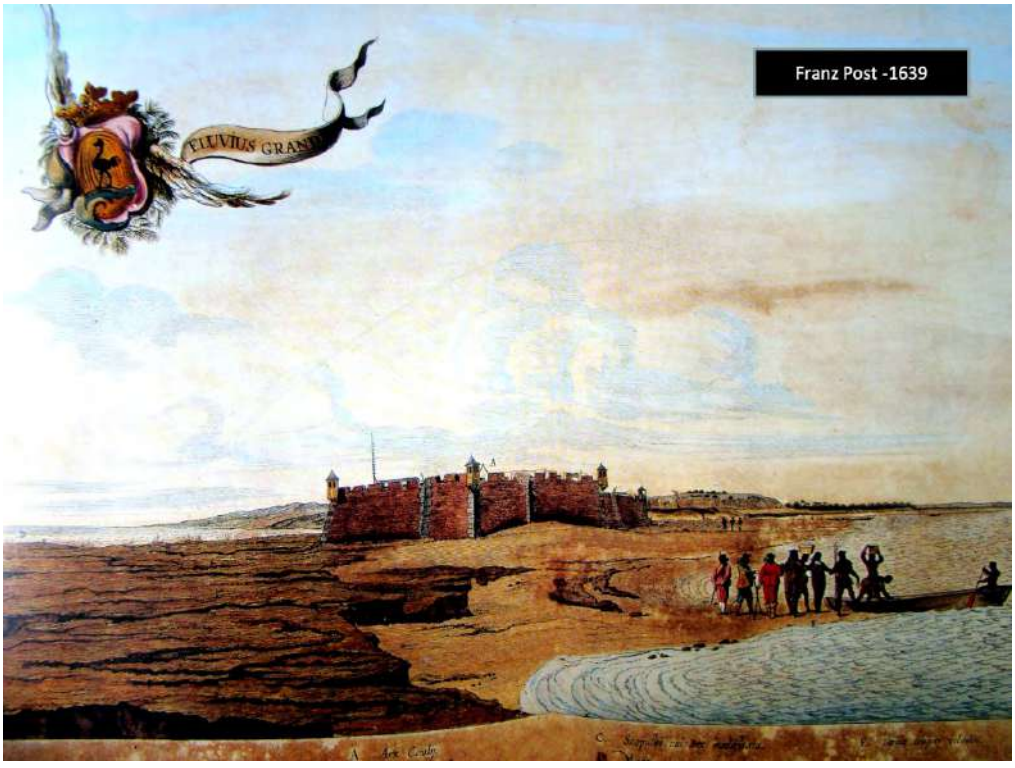
ÍNDICE

58

64

68

7 | AS LISBOETAS



16 | FORTALEZA DOS REIS MAGOS

ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

QUE BELO!

Se o Alchymist Beach Club, na Lagoa do Paraído, em Jericoacoara (CE) já era maravilhoso, com sua gigante e impecável estrutura, agora, então, com essa parte que adentra a bela lagoa, que remete aos encantos das Maldivas. E em forma de coração, para deixar o ambiente ainda mais romântico e maravilhoso, hein?! Imaginem se no Rio Grande do Norte os paladinos do atraso da natureza deixariam aproveitar tal beleza. Né?!

INCRÍVEL

Pela Bzzz vocês já devem imaginar que gosto de história. Sempre quando viajo procuro me hospedar em algum lugar histórico, que ofereça conforto, elementar, pois já não tenho mais os 20 e poucos anos. Fazer um passeio pelo Parque Nacional da Peneda-Gerês, em Portugal, é algo espetacular, com suas águas verde-esmeralda altamente transparentes. Aproveitar para se hospedar em um lugar único, idem. Minha dica, que amei, é o Moinho de Marialva, a 3Km do centro de Ponte Barca. Trata-se de um moinho de água do século 17, reconstruído em 1992, mantendo a traça original, mas com o conforto e a ótima receptividade dos anfitrões, sempre com vinho verde, pão de ló e limião siciliano, que você pode tirar do pé. Curta um bate-papo regado a vinho de frente para o riacho que tem na entrada da casa. A lareira/forno de pão e a salamandra mantêm a casa quente nas noites mais frias.

JOGUE-SE

Durante o dia, conheça essas inscrivéis construções em lajes de granito, no centro da Vila de Soajo. São os espigueiros, com vista para a serra e montes verdes. Um dos mais antigos data de 1782. O conjunto de espigueiros está classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Igespar (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico). Até hoje são usados como espaço para secagem de milho, colocados em pontos mais altos para evitar que os animais comam o sustento das populações. Para afastar os roedores, ficam sobre rodas também de pedra.

PRAIAS

Já conferiram a novidade em Tibau do Sul, no RN? É o transado Quiosque do Pandoka, do ator Rodrigo Pandolfo, que interpreta o filho de Dona Hermínia no filme Minha Mãe é uma Peça; e foi o traficante Benji em Verdades Secretas 2. Pois bem, o elenco da polêmica minissérie global passou o réveillon por lá. Com charme e boa música, por lá você saboreia cervejas artesanais, caipirinha, gin, espumante... e se delicia desde o camarão à batata frita. Nos sábados têm samba e feijoada. E o visual é demais.

EM FRENTE

E Sibaúma deixa de ser apenas um lugar em Tibau do Sul. Começa a despontar como o lugar. A bucólica vila de pescador e remanescentes quilombolas ganha cada vez mais adeptos. Não por menos, quando a maré baixa dá lugar a perfeitas piscinas naturais. E as barracas, organizadas, têm sempre peixe fresco. E caranguejo. Só precisa ter mais cuidado com os preços que algumas estão cobrando. Pode afastar clientes.

HISTÓRIA E SABOR

Depois desse período complicado da pandemia, para a alegria dos amantes da boa gastronomia, a Estação Papary, na entrada para Nísia Floresta, reabriu. E ainda melhor. É na antiga estação de trem que funciona um dos mais tradicionais e charmosos restaurantes do RN, com tantas opções no cardápio que nem tem espaço aqui para descrever. E os doces? Ah, chegue por lá para conferir. Sem falar na simpatia dos seus proprietários, Gracinha e Fernando Bezerril. Simplesmente demais.

Ivan Lira de Carvalho
Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia de Letras Jurídicas do RN.
Professor da UFRN, Juiz Federal

K-Ximbinho em um esforço de felicidade musical. Anos setenta

K-XIMBINHO

Virtuose com nome **de guerreiro**

Há uma tradição no Nordeste brasileiro de ser colocado à criança que nasce o nome do "santo do dia". 20 de janeiro é data consagrada a São Sebastião Mártir, que na história da igreja católica conduz a biografia de ter sido um soldado graduado do exército romano, posteriormente condenado ao sacrifício das flechas, acusado de trair as normas do império. Talvez por essa coincidência de datas foi dado o nome Sebastião ao garoto que veio adornar o lar simples do casal Pedro e Joana de Barros naquele dia de 1917, na pequenina e graciosa cidade de Taipu, distando cerca de 60 km da capital do Rio Grande do Norte.

A primeira fase da infância de Sebastião, na terra natal, ocorreu sem muita distinção do comum dos outros garotos da mesma faixa, salvo a sua inescondível inclinação para a música, atestada pela curiosidade que devotava aos ensaios da filarmônica local, que ocorriam em um imóvel próximo à sua residência. O comerciante Pedro não via com bons olhos aquele pendor artístico, já que queria o filho encaminhado para os negócios ou para alguma profissão facultativa. Mas Dona Joana simpatizava com o desejo do menino de se tornar músico, tanto que lhe presenteou com uma pequena flauta de lata, instrumento com o qual ele esboçou as primeiras composições. Mais adiante, ficando rapazinho, foi inevitável ingressar nos quadros da tão admirada banda municipal. Mas ali ficou por pouco tempo, pois a família foi transferida para Natal, indo morar no Bairro do Alecrim, onde Pedro abriu novo estabelecimento. Era 1931 e Sebastião foi matriculado no Grupo Escolar Padre Miguelinho, que tinha como anexo a Associação dos Escoteiros, ambos sob o comando do Professor Luiz Soares, que serviu de mestre musical para o garoto taipuense. Foi lá também que Sebastião se enturmou com outros estudantes de semelhante interesse e fundaram a Pan-Jazz, executando primordialmente músicas americanas. Ao tempo de prestar o serviço militar – fala-se de 1937 – foi acolhido no 21º Batalhão de Caçadores, onde logo arranjou colocação na banda da corporação. Com a unidade do Exército foi transferido para o Recife e ao encerrar a tarefa cívica, em 1938, encontrou na Orquestra Tabajara da Paraíba uma oportunidade de emprego, em João Pessoa, atuando como clarinetista e saxofonista.

Orquestra Tabajara, anos quarentas. K-Ximbinho o primeiro, ao saxofone. Tocava todos os instrumentos de palheta

O regente já era Severino Araújo, que deu vida e prestígio nacional e internacional àquela *big-band*. Ficou no grupo até 1942, quando seguiu para o Rio de Janeiro e em 1943 já estava compondo o *cast* da Orquestra do Maestro Fon-Fon.

O cenário carioca foi favorável a Sebastião, que já se consolidara com o nome artístico de K-Ximbinho. E de onde vem codinome tão curioso? Muitas são as versões dos seus biógrafos, notadamente a de que decorre de um dos instrumentos por ele manejados, o saxofone, que tem curvatura sugestiva do modelo de um cachimbo. O próprio músico afastou essas conjecturas ao prestar entrevista à Televisão Universitária, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo perguntado por Tarcísio Gurgel e outros acerca do apelido, disse: "Ah, sim, porque quando eu servi no exército, um colega me achou parecido com outro, que tinha semelhança, eu era parecidíssimo com ele, quer dizer, o colega me achou parecido com o camarada que tinha o mesmo apelido e daí surgiu 'aquele não parece com o Cachimbinho?'". A degravação da entrevista foi realizada por Pablo Garcia da Costa[1]. No mesmo trabalho acadêmico, Costa examina a importância teórica dos estudos desenvolvidos por K-Ximbinho, concluindo pela elevada atenção que o maestro dava ao seu professor de harmonia para orquestração, o musicista e

O primeiro à esquerda é K-Ximbinho. Ao centro, Severino Araújo

A nata do jazz brasileiro, em concerto na Boate Beguin, em 1954.
Enedir Santos, K-Ximbinho, Malagutti e Dick Farney

Copacabana Palace, onde tocou K-Ximbinho

Sacha Rubin, o pianista e compositor dono da boate Sacha's, onde tocava K-Ximbinho

Música em stúdio. K-ximbinho no canto esquerdo da foto

compositor Hans-Joachim Koellreuter, alemão naturalizado brasileiro, que lhe deu aulas entre 1951 e 1955[2].

E o jazz, como chegou a K-Ximbinho? Primeiramente, de forma intuitiva, nas suas primeiras incursões com a fanfarra dos Escoteiros, logo que chegou a Natal. Depois, com a larga influência da massiva divulgação da música americana pelo mundo, o que levou o Sebastião, já maduro, a aprimorar teoricamente a harmonia desse ritmo estadunidense via um prosaico curso por correspondência no *Bercklee College of Music*[3], em 1975.

Voltando à linha do tempo, vê-se K-Ximbinho atuando nos estúdios da Odeon, em 1942, fazendo solo de clarineta para a gravação do bolero "Maria Helena", na voz de Francisco Alves[4]. A sua primeira composição gravada foi "Sonoroso", parceria com Del Loro (Lourival Souza), pela Orquestra Tabajara, que no mesmo ano (1946) foi gravada, com voz, pela também potiguar Ademilde Fonseca[5].

Na década dos cinquentas, época áurea do samba-canção e das boates do Rio e São Paulo, K-Ximbinho era figura certa em casas famosas, como a Casablanca, o Copacabana Palace e a Sacha's. Era o tempo em que atendia a figuras da alta sociedade nacional para festas privadas, a exemplo do milionário Jorge Guinle, conforme pontuou

uma das suas filhas, Gilda Barros, confirmado pelo próprio músico em entrevista a Lilian Zaremba[6], em que dá conta de também ter tocado no Cassino Atlântico.

Muito versátil, excursionou pela Europa em 1954, a bordo do navio Provance. Ao retornar, se colocou como arranjador das gravadoras Odeon e Polydor. De 1965 a 1968 integrou o conjunto 7 de Ouros (em grupo com José Marinho, Cipó, Gennaldo, Ed Maciel, Julinho, Papão, Vidal e Mirzo Barroso), ao mesmo tempo em que era orquestrador da TV Globo e clarinetista da Orquestra Sinfônica Nacional, da Rádio MEC.

É difícil a formatação de um elenco completo das músicas de K-Ximbinho que foram gravadas e tocadas nas emissoras de rádio e televisão, além de auditórios mais requintados. Entretanto, vale lembrar temas como "Penumbra", "Ternura" (oferecido à sua esposa Maria Stella, com quem se casou aos dezoito anos e com ele teve seis filhos), "Eu quero é sossego", "Gilka" (dedicado a uma das suas filhas) "Catita" (oferta à sua neta Cynthia), "Velhos Companheiros", "Manda Brasa" (ganhador do II Festival do Choro, promovido pela TV Bandeirantes, em 1978) e outras pérolas. Também tarefa árdua é listar as gravações feitas por K-Ximbinho, em discos solo ou integrando trabalhos coletivos. Apenas a título de exemplo, "K-Ximbinho e seu conjunto – Ritmos e melodias" (1956, Odeon); "Quinteto de K-Ximbinho – Em ritmo de dança, vol. 3" (1958, Polydor); K-Ximbinho e seu conjunto – O samba de Cartola" (1958, Polydor); "K-Ximbinho e seus playboys musicais" (1959, Polydor); "2º Concerto de jazz de câmera no Teatro Municipal, Tenteto de K-Ximbinho" (1960, com a peculiaridade de um dos integrantes do grupo, Paulo Moura, ter solado a peça *Just Walking*, a única música de K-Ximbinho com título em

Esta foto de K-Ximbinho daria nome para um choro: "Serenidade"

Maria Stella, em foto colorizada

inglês) e "Saudades de um clarinete" (1981, Eldorado, disco póstumo, organizado pela viúva Maria Stella e pela filha Gilka Barros).

Ressalte-se que apesar de se ter notabilizado no choro, com passos firmes no jazz, K-Ximbinho também é reconhecido como inovador do samba, de forma elegante, consoante escreveu Jair Amorim[7], ombreando-o a Radamés Gnatalli, Lírio Panicali, Leo Perachi: "Eles vestiram o samba de várias maneiras. Imaginaram figurinos musicais, deram o 'toque' dos novos tempos acompanhando a 'vôga' vinda de fora". Mas nada disso afastou a pureza e a qualidade da sua obra, conforme recorda Paulo Moura (que a ele dedicou o álbum "K-Ximblues", 2001, Rob-Digital), já que mesmo vivendo em uma época de larga massificação no rádio e na TV, "conseguiu manter e desenvolver a sua espontaneidade"[8]. E, em outra entrevista, o mesmo Moura assegura o acatamento internacional do músico em análise, ao afirmar que "tem bastante gente no exterior que conhece e toca a música de K-Ximbinho. Em Israel, eu esteve lá e o pessoal toca. Nos Estados Unidos também".[9]

Um dos discos produzidos pela Fundação Hélio Galvão em parceria com o Escritório Candinha Bezerra. Reconhecimento potiguar

K-Ximbinho faleceu a 28 de junho de 1980, no Hospital Federal dos Servidores do Estado, no Rio, por insuficiência renal e outras doenças decorrentes. Morava com Maria Stella na Rua Senador Muniz Freire, 70/401, no boêmio bairro da Vila Isabel. Foi sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier, o do Caju.

Em Natal, capital do seu estado de origem, há o Espaço Cultural K-Ximbinho, na Cidade Alta, mantido pela municipalidade para a realização de eventos musicais. Muito merecido, por sinal!

1 COSTA, Pablo Garcia. 'Modernizei meu choro sem descuidar do roteiro tradicional': tradição e inovação em K-Ximbinho (Sebastião Barros). Dissertação de Mestrado defendida no Instituto de Artes, Departamento de Música, da Universidade de Brasília, p. 54. Disponível na Internet em https://repositorio.unb.br/handle/10482/5094. Acesso a 25 jan.2022.
2 COSTA, Pablo Garcia, op. cit., p. 23.
3 COSTA, Pablo Garcia, op. cit. pp. 68 e 69.
4 MELO, Zuza Homem de. Enciclopédia da música brasileira: samba e choro. São Paulo, Art Editora: Publifolha, 2000, p. 127.
5 CÂMARA, Leide. Dicionário da Música do Rio Grande do Norte. Natal, Acervo da Música Potiguar, 2001, p. 284.
6 COSTA, Pablo Garcia, op. cit., p. 56.
7 AMORIM, Jair. Ritmos Populares. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1960.
8 Apud COSTA, op. cit., p. 25.
9 Entrevista a GALVÃO, DÁCIO. K-Ximbinho. Tribuna do Norte, Natal, 04 de setembro de 2015.

Minervino Wanderley

Canindé Soares

NATAL

Fortaleza dos REIS MAGOS

UMA OBRA DE ESTILO MEDIEVAL? SAIBA DETALHES SOBRE O PROJETO, A CONSTRUÇÃO, SEUS CANTOS E RECANTOS, AS ARMADIHAS PARA OS INIMIGOS, A QUEDA E A RETOMADA

No final do século XVI, no contexto da Dinastia Filipina (Filipe II de Espanha e I de Portugal), quando da conquista do litoral Nordeste do Brasil, então ameaçada por corsários franceses que ali traficavam o pau-brasil ("Caesalpinia echinata"), a barra do Rio Grande (do Norte) foi alcançada por tropas portuguesas. Em 1597, sob o comando do Capitão-mor da Capitania de Pernambuco, Manuel de Mascarenhas Homem, as expedições chegaram ao destino ora determinado.

Entre as ordens das Coroas conquistadoras, estava a construção de uma fortaleza que seria utilizada para proteger o território contra invasões futuras, além de uma vila nas imediações - que mais tarde viria a ser Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

OS PROJETOS

Dois arquitetos seriam responsáveis pelo projeto do Forte. O primeiro projeto é do padre jesuíta Gaspar de Samperes (também conhecido como Gonçalves de Samperes). Ele era espanhol e antes de vestir as armas de Cristo, fora soldado em nome do seu rei. Foi aluno de Giovanni Battista Antonelli, um arquiteto italiano que trabalhava a serviço da corte da Espanha, e trabalhou como "mestre das traças de engenharia" tanto na Espanha como em Flandres (atual Holanda, que era colônia espanhola também).

O prédio construído primeiramente de taipa teria sido reforçado (entre 1614 e 1628) pelo arquiteto português Francisco Frias de Mesquita, que fora nomeado engenheiro-mor do Brasil, em 1603, que o levantou em pedra e óleo de baleia, mas seguindo a planta projetada por Samperes. Porém, como lembra o historiador e professor Paulo Possamai, "as obras prosseguiram no intuito de revestir a construção com pedra, a fim de aumentar a sua resistência contra as chuvas e as marés. Se os muros de terra resistiam melhor que os de pedra ao canhoneio, pelo menos nos estágios iniciais do bombardeio, as intempéries lhes causavam danos constantes".

SERIA UMA OBRA DE ESTILO MEDIEVAL?

Alguns estudiosos defendem esse ponto de vista, chegando a citar elementos medievais mantidos no Forte dos Reis Magos:

1) Ele está em uma ilha. Na maré alta, o forte fica ilhado, o que faz seu lugar de fosso, porém ainda protegido pelos arrecifes, que fazem lugar de uma segunda muralha.

2) Suas torres arredondadas! As torres, com pequenas janelas, são características tipicamente das construções românicas medievais. Elas não são altas, porque combatem agora canhões e não arcos-e-flechas, mas elas se mantêm lá. O formato arredondado é típico da tradição italiana que Samperes congrega.

3) As defesas internas! Existem canais para, caso o forte ser invadido, que se despejasse óleo fervente nos invasores. Isto aparece em vários castelos, fortalezas e muralhas de cidades medievais (nos castelos góticos, as gárgulas serviam pra isso).

Fluvius Grandis, aguarela do forte dos Reis Magos, então Castelo Ceulen, Frans Post, 1640 a 1644, Natal, Rio Grande do Norte, RN, Brasil

4) Os arcos romanos! As portas, inclusive na entrada, possuem arcos romanos, base da construção românica que para ser feitos precisavam de pedras cortadas em perfeição para se encaixarem.

A fortificação deve seu nome ao fato de as obras terem sido iniciadas no dia 6 de janeiro de 1598, dia de Reis. Já Natal, foi fundada pouco depois, em 25 de dezembro de 1599.

CONSTRUÇÃO

Apesar da condição religiosa, Samperes sabia muito da arte de guerrear. Baseado na concepção arquitetônica antropomorfa dos italianos, o padre traçou uma planta estrategicamente assemelhada a uma estrela de cinco pontas.

Esse formato permitia aos soldados do forte observarem os movimentos inimigos em pelo menos dois ângulos diferentes.

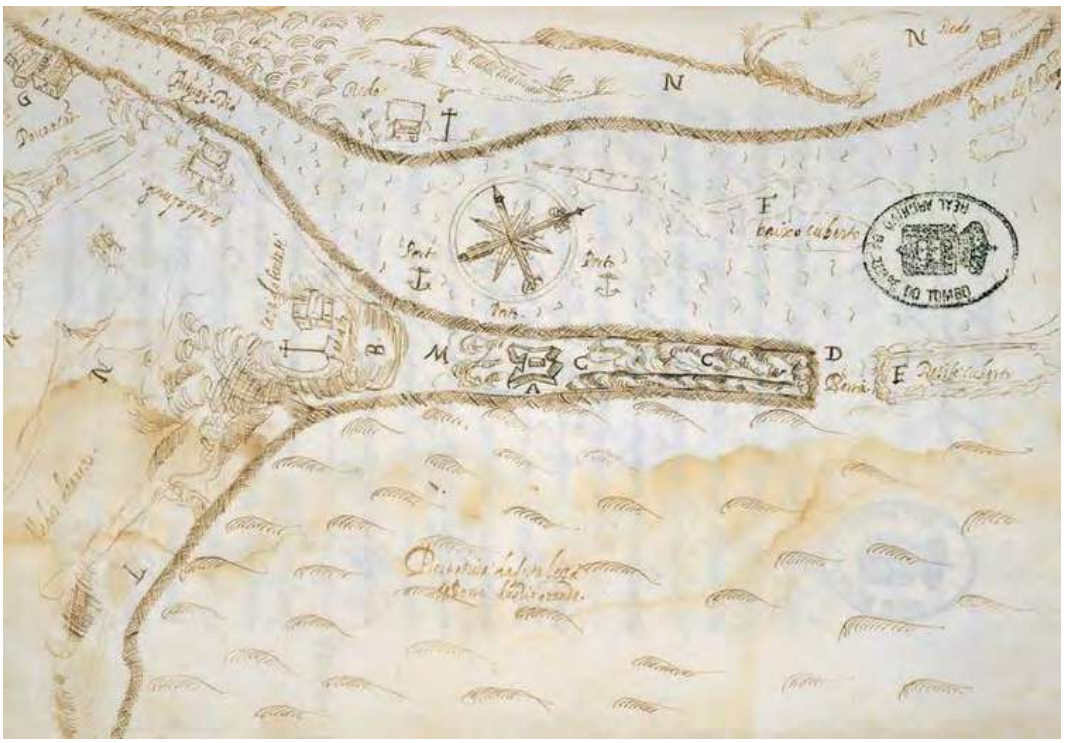
Entrar na fortaleza era uma empreitada dificílima. Para frear as investidas por mar, o padre projetou uma parede de pedra com 14 metros de largura. Não havia canhão que a derrubasse.

Procurando impossibilitar a invasão por terra, paredes no formato da letra "z" impedem o uso de aríetes. Possíveis invasores ficaram sem espaço para impulsão.

E Samperes não estava disposto a dar facilidades para o inimigo. Pelo contrário. Quem conseguisse passar pelo portão era recepcionado com um banho de óleo quente no hall de entrada da fortificação.

O CRONOGRAMA

- **1598 –** Acampamento da expedição. Construção das bastida na praia. Escolha do local para a Fortaleza;
- **1600 –** Ainda não tinha condições do padre Francisco Pinto com os chefes indígenas;
- **1602 –** Prosseguem os trabalhos: "nesta consideração (...) se fez a dita Fortaleza dos Reis até estar em defensa e guarnecida em tempo de guerra (Diogo de Campos Moreno);
- **1604 –** As muralhas já se avistavam ao longe;
- **1608 –** Inspeção pessoal do governador geral Dom Diogo de Menezes;
- **1612 –** Faltam ainda: parapeitos, entulho dos quartinhas, casa e armazéns, poço, cisterna, restrelo e contraportas. (Diogo de Campos);
- **1614 –** Faltam: colocar um contrapiso sobre a laje branda do arrecife para receber o terrapleno, que deve ser de lama, e contrafortes de reforço do lado do mar (Francisco Frias de Mesquita);
- **1618 –** Por fazer: cisterna, casas e alojamentos dos soldados, casa de pólvora, uma plataforma externa, instalações hidráulicas e sanitárias (Francisco Frias de Mesquita);
- **1627 –** Falta apenas: a cisterna e já está "meio feito" o contramuro externo (Domingos da Veiga);
- **1628 –** A fortaleza é mencionada como completa (Gaspar Paraupaba);
- **1630 –** "Vereis o Rio Grande e a Fortaleza que está no arrecife" (Manuel Figueiredo). Está concluída e nada falta (Adriano Verdonck).

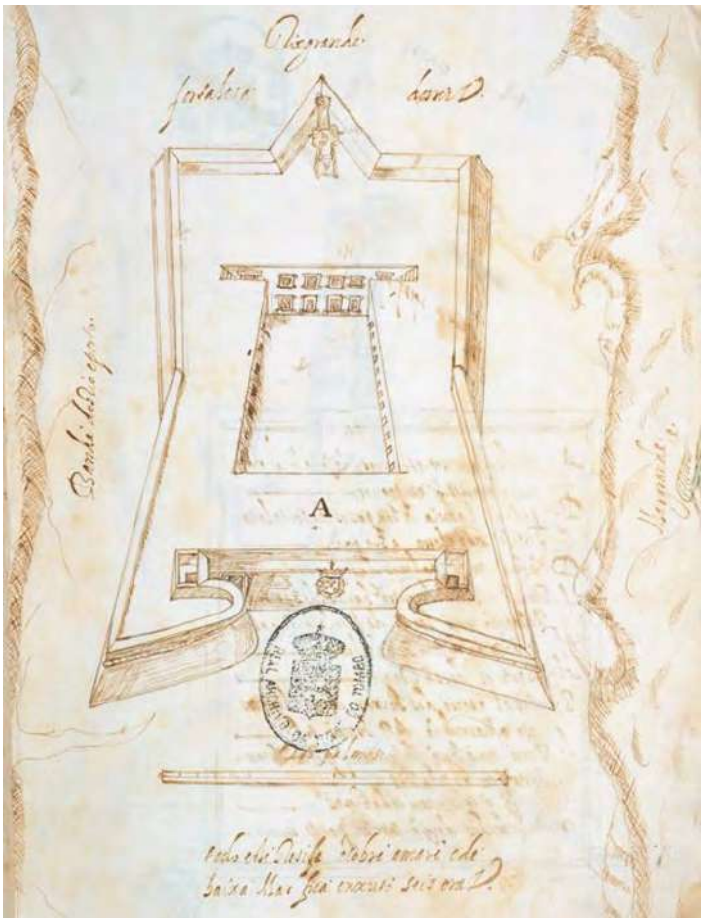


Arquivo nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal

CARACTERÍSTICAS

O forte apresenta planta poligonal irregular, erguido em alvenaria de pedra e cal. Em torno do terrapleno, ao abrigo das muralhas, encontram-se dispostas a Casa de Comando, os Quartéis e os Depósitos; ao centro, ergue-se uma edificação de planta quadrangular, em dois pavimentos: no pavimento inferior, situa-se a Capela, apresentando vãos em arco pleno; no superior, acedido externamente por uma escada em dois lances e através de uma porta de verga reta, dispõe-se a Casa da Pólvora, coberta por uma cúpula piramidal. Nos vértices desta pirâmide, cunhais, cornija e pináculo completam o conjunto.

No terrapleno abre-se, ainda, a Cisterna. O acesso ao forte é feito por uma passarela, da praia ao passadiço e, a partir daí, através de uma arcada à direita, saindo para o corredor. Outra escada dá acesso ao terrapleno e ao portão para a praça.



Primeira planta. Domínio público. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa

CÂMARA CASCUDO

As suas características foram assim descritas pelo "Mestre":

"*O forte se erguia, a setecentos e cinquenta metros da barra, em cima do arrecife, ilhado nas marés altas. É lugar melhor e mais lógico, anunciando e defendendo a cidade futura. A planta é do jesuíta Gaspar de Sampere, que fora mestre nas traças de engenharia, na Espanha e Flandres, antes de pertencer à Companhia de Jesus. É a forma clássica do forte marítimo, afetando o modelo do polígono estrelado. O tenalhão abica para o norte, mirando a barra, com os dois salientes. No final, a gola termina por dois baluartes. O da destra, na curvatura, oculta o portão, entrada única, ainda defendida por um cofre de franqueamento, para quatro atiradores e, sobrepostos à cortina ou gola, os caminhos de ronda e uma banqueta de mosquetaria. Com sessenta e quatro metros de comprimento, perímetro de duzentos e quarenta, frente e gola de sessenta metros, o forte artilhava-se de maneira irrepreensível. Atiraria por canhoneiras e a mosquetaria pela gola em seteira no cofre ou de visada na banqueta. A artilharia principal atirava à barbeta*."

A QUEDA

Após uma primeira tentativa de assalto por Vandenbourg, frustrada em dezembro de 1631, em dezembro de 1633 inicia-se nova invasão neerlandesa: vindos do Recife em quinze navios sob o comando do Almirante Jan Cornelisz Lichthart, uma tropa de 800 soldados desembarca na Ponta Negra sob o comando do Tenente-coronel Byma, cercando o forte numa operação combinada terrestre e naval.

Guarnecido por 85 homens sob o comando do Capitão Pedro Gouveia e artilhado por nove peças de bronze e 22 de ferro, após uma semana de assédio, ferido o comandante da praça, à revelia deste é negociada a rendição por alguns ocupantes, entre os quais Domingos Fernandes Calabar (1609-1635).

Até 1633, o Forte dos Reis Magos foi uma bastilha inexpugnável para os inimigos. Porém, naquele ano, os holandeses conseguiram tomar o forte. Eles já haviam tentado a invasão dois anos antes.

A queda aconteceu no dia 8 de dezembro. Os 110 soldados portugueses que guardavam o forte resistiram ao ataque da esquadra formada por 800 holandeses durante três dias.

Talvez os portugueses tivessem vencido mais essa batalha se não fosse a atuação do mameluco Domingos Fernandes Calabar, ex-soldado da fortificação, que revelou aos holandeses as estratégias de defesa usadas no forte.

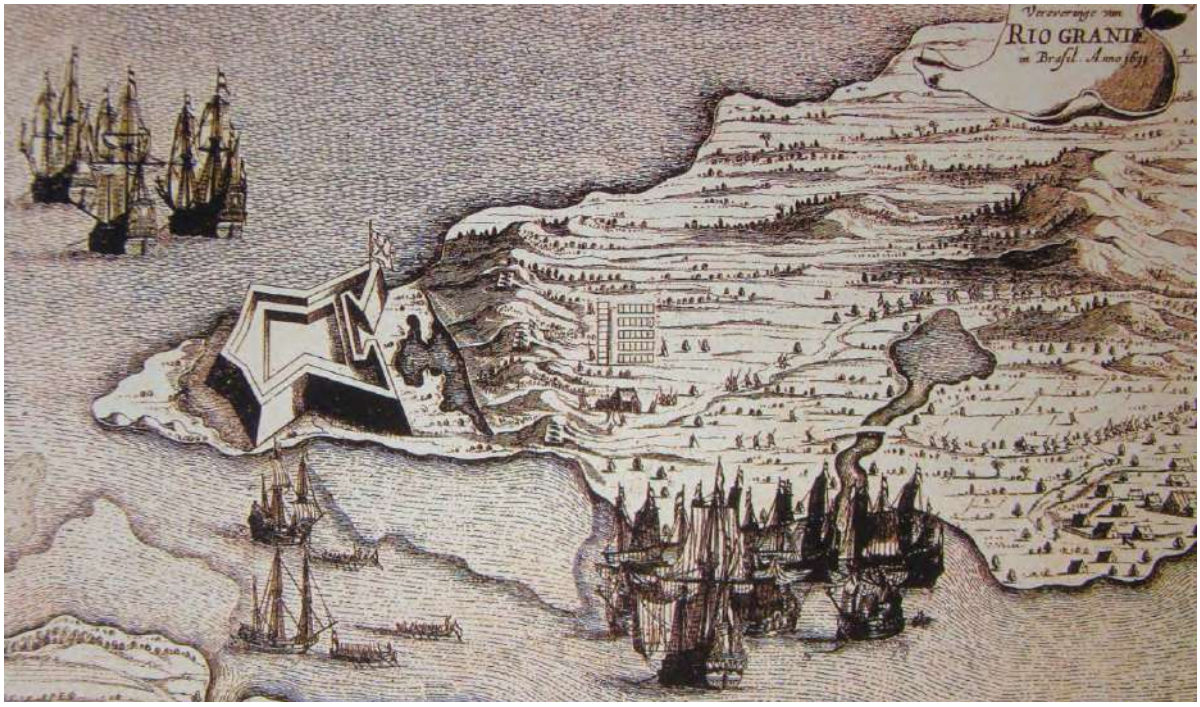
Forte dos Reis Magos retratado pelo pintor flamengo Gillis Peeters (1612-1653), que compõe atualmente o acervo do Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo

Conde Maurício de Nassau, 1604-1679, retratado em pintura de Jan de Baen

Ocupada de 12 de dezembro de 1633 a fevereiro de 1654, com o nome Castelo Ceulen (Kasteel Keulen), homenagem a Matthijs van Ceulen, um dos dirigentes colegiados da WOC no Brasil de 1633-1634. O capitão Joris Garstman foi o primeiro holandês a comandá-la e o Conde Maurício de Nassau (1604-1679) mandou repará-la (1638). Lá permaneceram até 1654, quando os portugueses o retomaram.

Reprodução: pedrachave.org

Reprodução: pedrachave.org



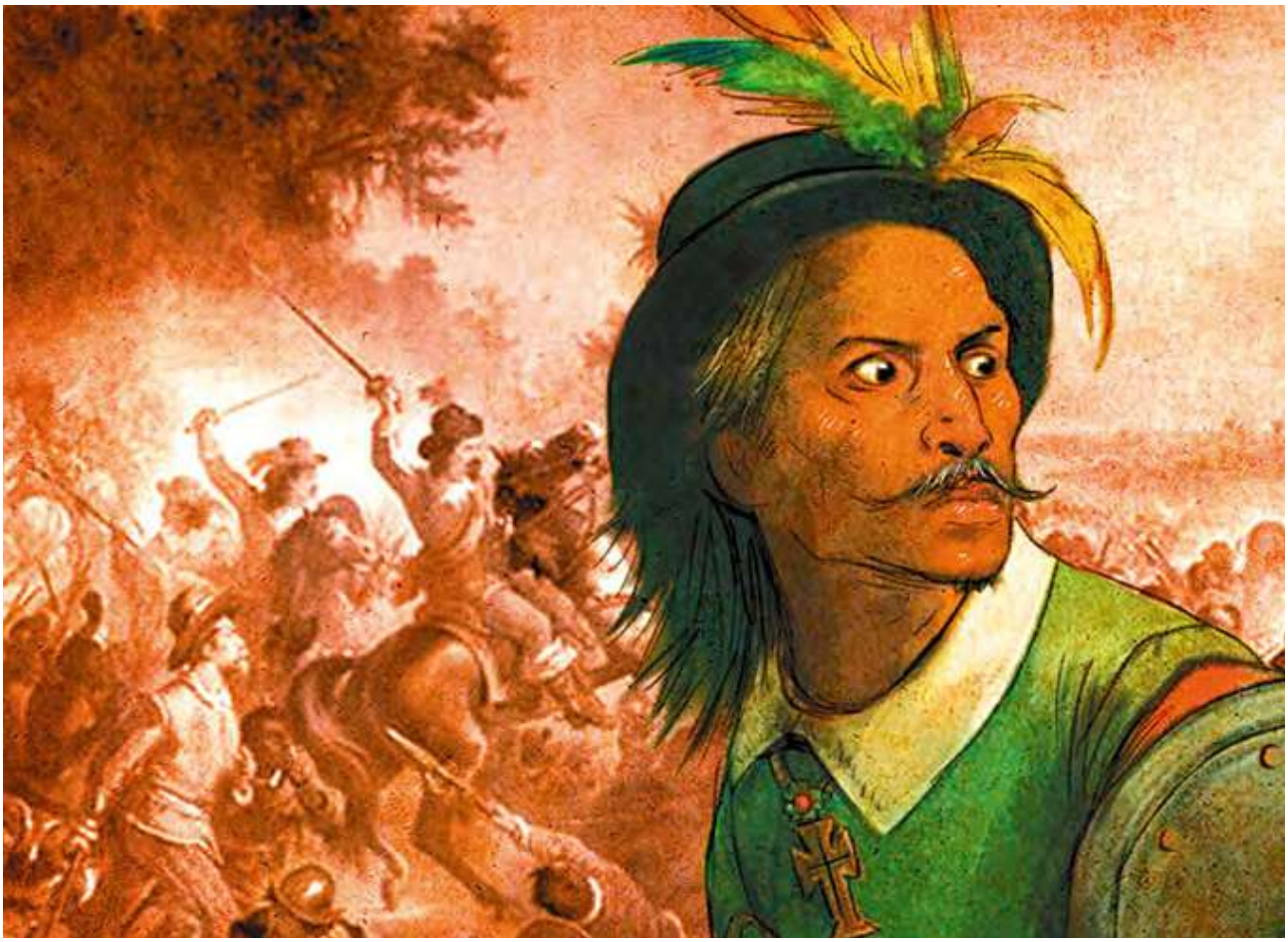
Detalhes de uma reprodução de Franz Post e de uma gravura nos contam sobre o Forte Ceulen, nome recebido pela edificação durante a ocupação holandesa, iniciada em 1633. Deve-se dar muito valor à imaginação e ao ponto de vista utilizado pelo autor da segunda ilustração, utilizando uma perspectiva aérea, excelente para compreensão utilizada por Câmara Cascudo em seu livro História da Cidade de Natal

A RETOMADA – FELIPE CAMARÃO, CAPITÃO-MOR DOS ÍNDIOS DO BRASIL

Um grande guerreiro e um líder político influente na guerra contra a Holanda.

Antônio Felipe Camarão foi condecorado por dois reis. Em 1635, recebeu de Felipe III da Espanha o título de "dom" e o hábito de Sawntiago. Em 1641, ganhou do português D. João IV o hábito de cavaleiro da Ordem de Cristo, o título de fidalgo com brasão de armas e o posto de capitão-mor de todos os índios do Brasil. E ele fez por merecer todas essas honrarias, não apenas pelo desempenho nos campos de batalha, como também pela influência exercida sobre várias tribos, levando-as a apoiar os luso-espanhóis na guerra contra os holandeses, que invadiram Pernambuco em 1630.

Com a vitória flamenga e a chegada de Maurício de Nassau, em 1637, contudo, Camarão foi obrigado a asilar-se na Bahia, ao lado de outros combatentes veteranos como Henrique Dias e André Vidal de Negreiros. E por lá ficou até 1644, quando chegou a notícia de que Nassau voltara para a Europa. E sem o conde, o único em condições de manter a paz no Brasil Holandês, era certo que os pernambucanos logo se rebelariam. Então, ele se pintou de novo para a guerra…



Montagem das obras "Batalha dos Guararapes" e "Felipe Camarão", ambas do pintor e professor Victor Meirelles de Lima

ÍNDIO POTI

Nascido numa aldeia indígena do Rio Grande do Norte, no início do século, ele ganhou o nome "Poti", que na língua potiguar significa "camarão". Convertido, porém, ao catolicismo, foi batizado na adolescência com o nome cristão de Antônio. E adotou, também, o Felipe, em homenagem ao então soberano espanhol. Com os padres jesuítas, Poti aprendeu a ler, a escrever, e se tornou um sujeito sério e compenetrado – ou, "mui grave e pontual, que se quer mui respeitado", segundo um cronista da época. Considerava, por exemplo, de suma importância tanto a correção gramatical quanto a pronúncia perfeita. E chegava a usar intérprete ao tratar com pessoas de nível superior ao dele, porque, falando em português, "podia cair em algum erro ao pronunciar as palavras, por ser índio".

Quando os holandeses chegaram, Poti chefiou com bravura seus irmãos de raça engajados nas tropas luso-espanholas, sempre ao lado da mulher, Clara Camarão, tão guerreira quanto ele. E desempenhou, também, um importante papel político, num tempo em que os indígenas ainda formavam grande parte da população brasileira.

ÍNDIOS E EUROPEUS

As relações com os nativos foram de suma importância para os europeus que, no início da colonização, dependiam deles para lhes fornecer os alimentos – peixes, caça, farinha de mandioca – que não eram capazes de adquirir sozinhos. Também utilizaram seus serviços na exploração do pau-brasil e, em seguida, nos engenhos e canaviais, antes da importação maciça de escravos africanos. Um século depois já não havia tanta dependência, mas a chegada dos holandeses os colocou de novo em primeiro plano. Aliados a um lado e ao outro, os índios pesaram bastante na balança da guerra.

Os flamengos tinham plena consciência da importância dos indígenas. Já na primeira tentativa de invasão, em 1624, levaram alguns deles da Paraíba e da Bahia para a Holanda, onde os educaram e aculturaram. E quando retornaram, seis anos depois, trouxeram-nos de volta para usá-los como intermediários nos primeiros contatos com seus irmãos de raça – inclusive com os ferozes tapuias, que viviam no interior e eram inimigos mortais dos portugueses e dos tupis do litoral.

Visando formar alianças, já em 1629 – um ano antes, portanto, de desembarcarem em Pernambuco –, os holandeses proclamaram o direito dos "brasilianos" à liberdade. E durante o governo de Nassau a relação com eles chegara ao seu melhor nível. "Da amizade com os índios depende em grande parte o sossego e a manutenção da colônia do Brasil", escrevera o conde num relatório enviado à Companhia das Índias, em 1644. E ainda: "Deve-se permitir que eles conservem a sua natural liberdade, vivam do modo que entenderem e trabalhem onde quiserem".

A disputa pelo apoio indígena, enfim, era grande. Apesar de os europeus, em geral, fazerem ressalvas ao seu desempenho no campo de batalha.

VALIOSOS NA GUERRA

Segundo o próprio Camarão, os índios eram soldados "precipitados, inquietos e sem fleuma". Ou seja, querendo lutar, lutavam; se não, desertavam, sem constrangimento. Tampouco tinham disciplina, correndo à vontade de um lado para outro, nos combates. "É coisa estranha de se ver dois ou três mil homens nus flechando uns aos outros, com grandes assobios e gritos", escreveu o português Pero de Gândavo. Mas, "para descobrir e assegurar caminhos", seu valor era imenso. Eles conduziam os europeus "pelos lugares mais ásperos e difíceis, passavam a nado os soldados que não ousavam aventurar-se nos grandes rios e cortavam os espinheiros e silvados espessos".

Também eram muito eficientes no transporte de cargas, na construção de pontes e jangadas e no fornecimento de víveres. E, por fim, eram "desempenados e ágeis", e "na velocidade da carreira, dificilmente cedem às feras".

Frei Manoel Calado, o principal cronista da guerra contra os flamengos, chegaria a afirmar que a aliança com certas tribos indígenas fora "a causa e o principal instrumento de os holandeses se apoderarem da capitania de Pernambuco, e de a conservarem por tanto tempo". Mas, se isto é verdade, é certo, também, que outras tribos tiveram papel decisivo na sua expulsão.

E à frente delas estava Poti.

UM AUTÊNTICO HERÓI DO POVO BRASILEIRO

Voltando da Bahia, em 1645, Felipe Camarão participou de inúmeros combates sob as ordens de João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, e ajudou a manter os holandeses encurralados, mais uma vez, sem poder por os pés fora do Recife. Exatamente como fizera anos atrás, na "guerra velha", sob o comando de Matias de Albuquerque. Cansados, porém, de passar fome, os flamengos resolveram tomar a iniciativa na guerra, em 1648, e saíram para tentar capturar Nazaré, o principal porto marítimo utilizado pelos pernambucanos, no Cabo de Santo Agostinho. Mas foram interceptados no Morro dos Guararapes, no dia 18 de abril.

Nesse combate, os flamengos estavam em número maior, além de muito melhor armados, e Poti e seus guerreiros tiveram um papel fundamental. Os europeus, calçados com longas botas e vestindo pesados uniformes, foram atraídos pelos índios para um manguezal, onde atolaram na lama, e lá destroçados a flechadas e golpes de tacape.

No final, a vitória na primeira Batalha dos Guararapes foi brasileira. Mas teve um alto custo. Em consequência dos ferimentos recebidos, segundo uns, ou de uma febre palustre que adquiriu por lá, segundo outros, Poti morreu pouco tempo depois, no dia 24 de agosto, deixando seus títulos e o comando das tropas indígenas para o seu sobrinho, Diogo Pinheiro Camarão.

Em 2012, Felipe Camarão teve seu nome assentado no "Livro de Aço", que está no Panteão da Pátria e da Liberdade, em Brasília, ao lado de outros combatentes da Restauração. Mas, muito antes disso, ele já estava inscrito na memória popular como um autêntico herói brasileiro.

A FORTALEZA COMO ATRAÇÃO

Só em 1907 a fortificação foi desmilitarizada, passando a ser uma atração turística. Sempre carente de reparos, o equipamento nunca teve o seu devido valor levado em consideração. Depois de três anos fechada - desde novembro de 2018 -, reabriu as portas no dia 25 de dezembro de 2021, aniversário da cidade do Natal.

O investimento total para restruturação do prédio histórico foi de R$ 4,3 milhões em recursos estaduais, viabilizados pelo Projeto Governo Cidadão junto ao empréstimo com o Banco Mundial, em parceria com a Secretaria Estadual de Turismo (Setur) e a Fundação José Augusto (FJA). A fiscalização foi feita pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Fontes:

https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/3/30/turismo/13.html

https://apartamento702.com.br/conheca-mais-sobre-o-forte-dos-reis-magos/

https://pt.wikipedia.org/wiki/Forte_dos_Reis_Magos

https://www.nataldasantigas.com.br/blog/forte-dos-reis-magos-castelo-medieval

http://blogs.diariodepernambuco.com.br/historiape/index.php/2016/05/09/felipe-camarao-capitao-mor-dos-indios-do-brasil/

http://ihgrn.blogspot.com/2015/12/o-forte-dos-reis-magos-em-dez-dimensoes.html

https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/12/23/apos-tres-anos-fechado-forte-dos-reis-magos-reabre-com-show-de-chico-cesar-veja-programacao.ghtml

GALVÃO, Hélio. *Pequena História da Fortaleza dos Reis Magos- Departamento Estadual de Imprensa, Fundação José Augusto, 2021*

Elisa Elsie/Assecom/RN

Nelson Mattos Filho
Velejador - avoante1@hotmail.com

Pier do Daniel

VIDA A BORDO

A vida a bordo não é uma eterna aventura náutica, nem tão cheia de perigos que nos eleve à condição de super homens. As grandes ondas, os grandes temporais e os ferozes tubarões pertencem mais aos roteiros de filmes do que a realidade de uma boa velejada.

Em minha vivência náutica enfrentei algumas velejadas difíceis, mas nada que chegasse a comprometer nossa integridade física e muito menos a estrutura do Avoante. Às vezes em que pegamos mau tempo, foi mais pela nossa inexperiência em decifrar os boletins meteorológicos e não observar os sinais da natureza. Velejar é uma arte muito mais complexa do que simplesmente saber regular velas ou colocar o barco no rumo.

Relatos de perigosas aventuras despertam o interesse de leitores e rendem boas matérias jornalísticas, porém, muitas vezes elas trazem algumas fantasias recheadas de feitos heróicos e alarmantes.

Fazer uma viagem ao redor do mundo pelo mar, hoje é um feito natural. Os equipamentos eletrônicos existentes são extremamente eficientes e de fácil leitura. As comunicações de segurança estão cada vez mais evoluídas e localizar um barco no meio de um oceano é apenas questão de horas, com o advento do Epirb.

Epirb é um radio transmissor que quando acionado emite sinais fornecendo as coordenadas, nome da embarcação, porto de origem, nome do comandante e até telefones para contato.

Fora o Epirb, que apenas deve ser acionado em caso de emergência, existem sistemas que monitoram os barcos em qualquer lugar do planeta. São sistemas altamente eficientes. Se o leitor quiser testar a eficiência desse sistema, basta entrar no site da regata volta ao mundo Volvo Ocean Race, por exemplo, e acompanhar a evolução dos barcos pelos mares. Essa sim, uma verdadeira aventura de coragem e superação, mas com barcos super rápidos e com tecnologia de ponta.

Equipamentos de última geração quando localizam um navio, já informam o nome da embarcação, o porto de saída, porto de destino e outras informações relevantes. O custo é relativamente barato é se adequam a qualquer barco, independente de tamanho.

Hoje os eletrônicos estão acima das vontades e ordens dos comandantes. Nada passa despercebido dos sensores e telinhas coloridas. A coisa está mais para videogame do que para navegação. Mas essa é a evolução e como toda evolução ou se acompanha ou fica-se a ver navios.

O piloto automático, outra ferramenta mais do que útil em um barco, traz tanto conforto a bordo que velejar sem ele é um transtorno para qualquer velejador de cruzeiro. Eu, numa das vezes que fui de Natal a Salvador liguei o piloto na saída de Natal e desliguei apenas para atracar no píer do Terminal Náutico da Bahia. Quatro dias de velejada sem pegar uma só vez no timão, apenas apertando os botões.

Porém, como tudo na vida tem dois lados e navegar não fica fora dessa máxima, minhas navegadas têm sido apenas pelo Nordeste brasileiro, em latitude tropical e sem ocorrências de maremotos, furações e fortes ventos. Desço a costa com ventos favoráveis e retorno quando os ventos mudam de direção. As vezes que burlei essa lei fui pego pelo pente fino da natureza. Mas nada de grandes complicações, apenas umas frentes frias mais ousadas e um mar mais arrepiado do que o normal.

Aqueles que navegam por latitudes mais altas, sofrem com os humores da natureza. Mas, eles sabem o que vão pegar pela frente e com isso os barcos são preparados para tal.

Toda essa explicação foi apenas para responder a uma pergunta de um leitor que queria saber como adquirir coragem para morar a bordo de um veleiro enfrentando as grandes ondas e as tempestades.

Não são as dificuldades que fazem um grande marinheiro. O que faz um grande marinheiro são seus atos em prol da segurança da embarcação e de sua tripulação.

Alex Medeiros
Jornalista

Sanatório da Imprensa **Experience**

Quando os da minha geração se iniciaram nas redações de jornal, rádio ou TV, de cada dez profissionais que nos serviam de referência, uns doze reverenciavam a fina estampa do jornalista Alberto Dines, considerado uma espécie de gente com uma lanterna na popa (na analogia do poeta britânico Samuel Taylor Coleridge). Sempre que citavam Dines, agradava-me o fato dele ter sido editor do Última Hora de Samuel Weiner em 1959, o ano que eu nasci.

No primeiro semestre de 1998, não sei precisar o mês, quando eu estava completando um ano como colunista de O Jornal de Hoje, após onze temporadas no Diário de Natal, li um artigo de Dines em seu site Observatório da Imprensa em que ele falava do jornalista e escritor israelense Elias Limpiner, considerado seu mestre e que havia morrido por aquela época. No texto, em que falava sobre o papel da imprensa, ele solta uma sentença que eu não perdi a oportunidade para publicar como nota na coluna do vespertino.

Disse Dines: "*Nossa imprensa tornou-se irremediavelmente monotemática e monocórdia, a combinação da notícia-espetáculo com a cobertura saturada e intensiva desenvolvidas num ambiente onde impera o mimetismo e se abomina a diversificação*".

Porra! Li e vi naquelas palavras a água da banheira de Arquimedes para eu entender o que me incomodava na cobertura da política local, com repórteres e analistas vivendo na órbita dos mesmos personagens.

Desde meados de 1996, quando tive o primeiro contato com um computador, na sala de criação da agência Faz Propaganda, dos amigos Ricardo Rosado e Roberto Solino, a Internet foi se instalando na vida diária do mundo e da minha.

No último ano do século XX, em que eu emplacava 40 anos, decidi fazer na Web uma homenagem a Alberto Dines através de uma blague com o seu Observatório, que também era programa de TV. E fiz o Sanatório da Imprensa.

Criei o nome do domínio e procurei Casciano Vidal e Ricardo Roriz, sócios de uma das primeiras empresas digitais da cidade. De pronto eles toparam construir o site do Sanatório, desde a parte tecnológica até a diagramação.

Enquanto a equipe de publicitários e técnicos montava as páginas e testava a navegação, eu ia criando espaços para colunas e blags (em vez de blogs). O site estreou no ano 2000 com duas dezenas de colunistas e personagens.

Aproveitei as oportunidades em que tive contato com nomes nacionais e os procurei pedindo apoio no sentido de assinarem espaços com textos de quaisquer espécies. Criei meus heterônimos e os amigos criaram os deles.

Quando o mercado internético de Natal tinha apenas alguns sites, como os da Telern, TV Cabugi, UFRN, Tribuna, Diário e Interjato (que alugava endereço de e-mail), o Sanatório da Imprensa foi o primeiro de conteúdo lítero-jornalístico.

Pouco antes, eu comecei a ir frequentemente ao Rio de Janeiro para conversas com o jornalista e advogado Augusto Ariston, então o chefe da Casa Civil do governo de Anthony Garotinho, que planejava candidatar-se a presidente.

Iniciei um trabalho de clipar diariamente notícias dos jornais nordestinos relativas às eleições que seriam realizadas em 2002, ano do fim da administração Garotinho. Visitei a cena carioca diversas vezes a partir de 1999.

E aproveitei para fazer contatos com figuras notáveis que já conhecia, como Ziraldo, Lula Vieira e Márcio Moreira Alves, além de, através de Ariston e Ismael Wanderley, conhecer outros craques em almoços na Gávea e na Lagoa.

Em meados de dezembro de 2000, o Jornal do Brasil trouxe em manchete a venda do velho diário da família Nascimento Brito para o milionário baiano Nelson Tanure, que já havia adquirido um antigo estaleiro fundado em 1959.

Quando o negócio foi batido, logo veio a notícia de que o convidado para dirigir o jornalismo do diário era um velho conhecido da casa, um cara que aprendi a admirar desde a Veja e o Roda Viva dos anos 1980 no meu início de carreira.

Já tinha tido curtos contatos com Augusto Nunes pela Internet no período que tive a ideia do Sanatório da Imprensa; e ao descobrir seu endereço de e-mail, enviei parabéns pela nova fase no JB e, aproveitando, um texto sobre cinema.

Bingo. Ele não só publicou, como abriu espaço para eu ficar enviando artigos por intermédio de uma sub-editora que, atenciosamente, ficava em contato comigo. Por um bom tempo publiquei textos e ainda tive Augusto no meu site.

Em 4 anos, entre 1999 e 2002, o Sanatório já contava com vários colunistas de renomes nacionais: Augusto Nunes, Lula Vieira, Emerson Kapaz, Zuenir Ventura, Zevi Ghivelder, Gerald Thomas, Olavo de Carvalho, Palmerio Doria.

Ao romper fronteiras com esses talentos, os colunistas locais acrescentavam o tempero doméstico-universal: Rubinho Lemos, Mário Ivo, Augusto Fontenele, Norton Ferreira, Taumaturgo Rocha, Muriu Mesquita e Laurence Bittencourt.

E mais Ricardo Campos, Dalton Mello, Alínio Azevedo, Viviane Pascoal, Graco Medeiros, Roberto Solino, Lina Viana, Luciano Herbert, Lívio Oliveira, Rodolfo Torres, Roberto Medeiros, Adauto Medeiros, Rinaldo Barros e Rodrigo Levino.

No conteúdo humorístico, os blags de picardias eram destaques à parte: Ugo Vernomentti, Clark Quente, Jekyll & Hyde, Armando Nojeira, Joca Quifurya, Rocas Quintas, Deu na Lata, Gal Inácia, Emma Thomas e O Indormido.

A repercussão do Sanatório da Imprensa além dos limites potiguares foi uma extraordinária experiência num tempo em que pouco entendíamos do poder que a internet estava começando a ter. Lá fora, achavam que era site sulista.

Numa ocasião, o publicitário Stalimir Vieira, um dos maiores nomes da publicidade e do marketing de vendas do país, foi levado ao restaurante Guinza para um papo com um grupo que eu havia juntado numa mesa da charutaria.

Stalimir tinha sido palestrante do Mix de Comunicação, evento criado por Jener Tinoco que fez história em Natal com ressonância nacional. Foi lá que eu fiz meu primeiro contato com Zuenir Ventura, e que logo hospedaria no Sanatório.

Quem acompanhou Stalimir Vieira foi o publicitário Ricardo Rosado, que ao me apresentar avisou que eu era colunista de jornal e criador do Sanatório. O cara me fitou espantado e disparou: "Ué, e o Sanatório da Imprensa é de Natal?".

Era, sim. Um projeto intempestivo, sem tanto planejamento como os sites nacionais que vieram naquele tempo (NoMínimo, ZipNet, ÚltimoMinuto), mas com um volume de conteúdo gigantesco, dado a quantidade de redatores.

Os tempos românticos da gênese da Web permitiam que a amizade juntasse tanta gente numa só plataforma, e sem cachê pra ninguém. Um gaiato queria me dar o Nobel da Paz por colocar um judeu e um turco trabalhando de graça.

Ele se referia aos consagrados jornalistas Zevi Ghivelder e Juca Kfouri e suas origens sanguíneas e culturais. Havia também correspondentes escrevendo dos EUA, Inglaterra, Canadá, Portugal, Holanda, França, Moçambique...

Eram brasileiros soltos no mundo e que toparam contar os acontecimentos que vivenciavam e cuja publicação no Sanatório tinha a função também de suprir a saudade que todos eles tinham de casa. Pena que perdi contato com eles.

O QUE ELES ESCREVERAM

O dramaturgo Gerald Thomas, com trabalhos executados em dezesseis países, estreou no Sanatório da Imprensa da forma mais dramática para um diretor de teatro. Escreveu no dia 11 de setembro de 2001 um texto incrível narrando o inferno nas Torres Gêmeas em Nova York e que parou o mundo.

"Estou vendo da minha janela (meu apartamento é localizado diretamente no East River, em frente as torres gêmeas chamadas de World Trade Center) uma tragédia proporcional a uma guerra mundial. Os fatos até agora (são 9h30 da manhã) dois aviões 'propositadamente' se lançaram contra cada uma das duas torres. Sabe-se que um é da American Airlines, um Boeing 767 vindo de Boston. O presidente Bush acaba de falar a nação". O mesmo texto ele enviou à Folha de S. Paulo.

Pouco tempo após se eleger deputado federal, o empresário paulista Emerson Kapaz estreou falando sobre mercado informal e/ou ilegal: "Há muitas formas de se avaliar a concorrência ilegal no Brasil. Uma delas é que a economia informal serve de antídoto contra a enfermidade do desemprego, hoje, de cerca de 12% da população economicamente ativa, que aponta para um drama igualmente inquietante. Entre dezembro de 2002 e outubro de 2003, a julgar pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a renda média do trabalhador caiu 11,6% e, anualmente, cerca de 1,2 milhão de pessoas vêm buscando, com escasso êxito, vagas no mercado".

Profissional de aferição do sentimento da sociedade com sua empresa Índice Pesquisa, o jornalista Casciano Vidal escreveu numa coluna: "A nova consciência sócio-política do povo brasileiro recomenda aos novos governantes e a seus mais próximos assessores - incluindo até mesmo os amigos do círculo mais íntimo do poder -, muito cuidado nas palavras, no comportamento, nas ações e nas atitudes pessoais. Na democracia é assim: As vitórias e conquistas beneficiam a todos. As derrotas atingem o líder maior".

Pesquisadora de música e amante da MPB, Maria Luiza Kfouri começou em 2001 enaltecendo uma tal de Biscoito Fino: "No ano 2000 foram realizados no Paço Imperial da cidade do Rio de Janeiro os primeiros shows do projeto Compasso Samba e Choro, desenvolvido pela cantora e compositora Olívia Hime a convite da empresária Kati Almeida Braga. As participações de músicos como Guinga, Yamandu Costa, Cristina Buarque, Francis Hime, Elton Medeiros, Zé da Velha e Silvério Pontes, entre muitos outros, e o sucesso de público de cada um dos espetáculos animaram as duas realizadoras a lançá-los em uma série de seis CDs e, mais do que isso, a fundar uma gravadora que, apesar de jovem e pequena, já apresenta um trabalho digno de um gigante".

Numa das primeiras colunas, o personagem Clark Quente bombardeou a chegada do Big Brother com um petardo no criador: "O holandês John de Moll comparou sua baixaria midiática com o surgimento do rock'n'roll. Ele precisa saber que a história do rock'n'roll clássico não foi tão somente uma melhora dos estilos musicais no mercado cultural, foi também a explosão de uma postura dos jovens contra questões e dogmas de uma cultura dominante, como a que hoje empesta os lares via televisão com sua programação inculta e careta".

Em 2005, Olavo de Carvalho tinha 4 anos de Sanatório, e escreveu sobre os primeiros escândalos do PT: "Os velhos políticos corruptos limitavam-se a roubar. O PT transformou o roubo em sistema, o sistema em militância, a militância em substitutivo das leis e instituições,

rebaixadas à condição de entraves temporários à construção da grande utopia. Os velhos políticos roubavam para si próprios, individualmente ou em pequenos grupos, moderando a audácia dos golpes pelo medo das denúncias. O PT rouba com a autoridade moral de quem, ao arrogar-se os méritos de um futuro hipotético".

Em 2002, Augusto Nunes revelou o real retrato de Pedro Stédile, do MST: "João Pedro Stédile continua prisioneiro de miragens do segundo milênio. É um fanático do socialismo ortodoxo - o comunismo que não ousa dizer seu nome. Ele sonha com o partido único, não com o convívio dos contrários. Persegue a revolução que haverá de liqüidar as elites e impor a ditadura do proletariado. Em outros países, seria recolhido a algum museu das velharias políticas ou viraria atração de circo, incorporado à ala dos espécimes exóticos. Aqui, tem numerosos seguidores".

FÓRUM MALUCO ANTECIPANDO O TWITTER

As duas grandes redes sociais foram criadas respectivamente em 2004 e 2006. Foram duas novidades que logo nos faria deixar para trás o Orkut e os chats de bate-papo dos sites UOL, AOL e BOL. Pois o Sanatório da Imprensa e seu criador burro perderam a chance de se antecipar alguns anos, talvez fazendo de algum de nós uns novos ricos de Natal. A interação dos leitores com os colunistas e até com alguns heterônimos me levou a consultar Casciano Vidal e Ricardo Roriz sobre a possibilidade do site ter na capa um espaço para o internauta escrever uma mensagem sem precisar fazer contato conosco.

Os dois sócios me deram a resposta no dia seguinte e então eu apresentei a eles a ideia de criar o "Fórum Maluco", um local em que qualquer pessoa entraria e escreveria o que bem quisesse com visualização para todos. Com pouco tempo no ar atraiu gente de todas as tendências e se encheu de frases com opinião, crítica, desaforo, provocação, pitaco, palpite, denúncia, reclamação, chororô e ataques duros e até escatológicos a políticos daqui e dalhures. Eu nunca recebi tanto telefonema e e-mails. Tudo reclamando das agressões e apelando para que houvesse um limite naquilo. O personagem Jekyll & Hyde, inspirado no clássico O Médico e o Monstro, do escritor Robert Louis Stevenson, foi obra do jornalista e poeta Mário Ivo. O perfil que eu criei pra ele foi a colagem das bandas dos rostos de Freud e Lênin. Mário dividia o texto em dois contextos, iniciando com um falando X e outro rebatendo com Y; o que um afirmava, o outro negava. Numa das colunas, o Fórum Maluco foi o tema. Fala Jekyll: "*A verdade doa a quem doer: se o nível dos leitores desse Sanatório estiver sendo representado pelo Forumaluco, deus nos ajude! Nove entre dez participantes escrevem para trocar insultos uns com os outros, o tema das discussões é quase sempre sobre o sexo dos anjos, melhor dizendo o pau, o cacete, o caralho dos anjos – ou a buceta, o priquito, o xibiu das anjas. Me desculpem os mais sensíveis – se é que freqüentam este çáiti – mas o tom geral é esse mesmo, linguagem baixa, besteirol*".

E fala Hyde: "*Eita! Tá querendo esculambá, é?! Modere a linguagem que o ambiente é familiar. Só dá família quase boa. Eu não sou pastor, mas já tive em Ubatuba, no tempo em que vencia as ondas montado na minha Radical biquilha, freqüentava Miami (descendo a ladeira do sol é só dobrar às direita) e só comprava na Wave Surf e na Love, lá na galeria do Barão do Rio Branco. Ô tempo bom, danado! Antes de Gugu e cantor de pagode eu já desfilava pelo quem-me-quer da Praia dos Artistas de cabelo parafina, arrastando minha Katina Surf. Era mais famoso que o Boy da Praia! E fui um dos primeiros a trocar prancha por terreno em Pipa*".

No auge do cu de burro no Fórum Maluco, a alta e a baixa sociedades de Natal estavam chocadas com blog chamado "Xeleléu", que diariamente vomitava muita merda contra os políticos e os bacanas do RN. O clima de beligerância subiu, a coisa foi para os birôs da Justiça e eu preferi contemporizar com os reclamantes. Com dois anos de zoada, derrubei e desmanchei o Fórum. Hoje, quando vejo que aquilo era como um ensaio do Twitter, olho para o espelho e rosno: Alex, tu é um bosta mesmo! Mas tudo valeu pela experiência, o que acho importante para quando eu crescer e, quem sabe, subir na vida. Nem que seja noutro sanatório.

Anderson Tavares de Lyra
Historiador
Visite o BLOG de HISTÓRIA E GENEALOGIA:
www.andersontavaresrn.blogspot.com

JOSÉ BEZERRA DE ARAÚJO GALVÃO

O patriarca do Seridó

Estátua inaugurada em 16-11-1953

Nunca um coronel no Estado do Rio Grande do Norte teve mais poder e prestígio do que José Bezerra de Araújo Galvão, de Currais Novos. Um poder imposto pela palavra sincera e conselheira; um prestígio emanado da amizade que dispensava a tantos quantos lhe recorressem em fases difíceis e, por isso mesmo, José Bezerra exerceu o seu poder dentro de um coronelismo paternalista, um coronelismo protetor.

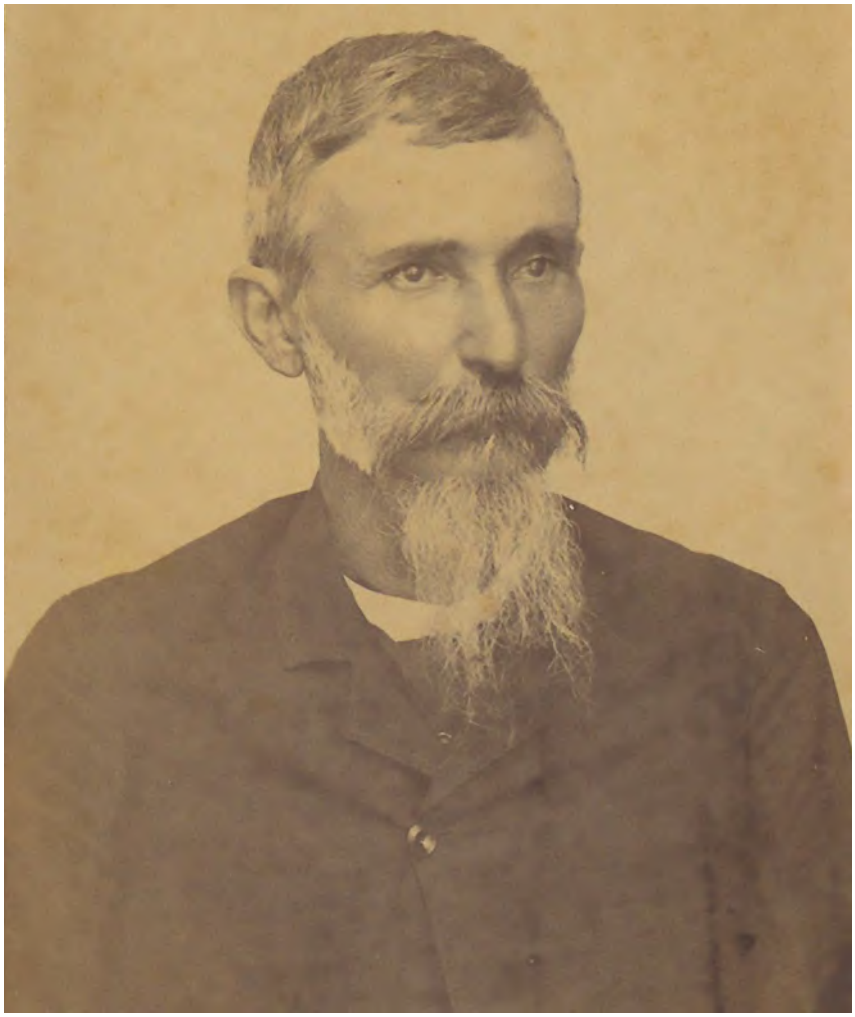
O Coronel José Bezerra, ou popularmente coronel Zé Bezerra d'Aba da Serra, já sublimou-se em personagem mítico na historiografia potiguar. Não se pode discorrer sobre a fase histórica conhecida por "coronelismo" sem mencionar-lhe a figura e os feitos.

No Seridó potiguar foi um autêntico senhor feudal em todos os sentidos. De Currais Novos, onde fixou sua chefia, foi guia de toda uma população. Para se ter uma noção da representatividade de José Bezerra, recorreremos à afirmação de Veríssimo de Melo em *Patriarcas e Carreiros*:

"(...) O seu nome soava como uma nota de clarim, vibrando nas quebradas das serras e dos vales, como um defensor da honra alheia, dos limites da propriedade privada, da moça ofendida, do pobre que apelava para a sua proteção, defensor dos hábitos e costumes do seu povo, transformados por sedimentação de vários séculos em norma de vida ou código de lei".

Nasceu no muncípio também seridoense de Acari, na histórica Fazenda Ingá, no dia 18 de dezembro de 1843. Seu pai foi o capitão Cipriano Bezerra Galvão, descendente direto dos povoadores do Seridó, entre os quais o capitão-mor Galvão, fundador da cidade de Currais Novos. Foi sua mãe Isabel Cândida de Jesus, pertencente, igualmente, a linhagem não menos ilustre dos desbravadores do sertão potiguar. Possuiu vários irmãos, todos dignos e honrados nas comunidades onde se instalaram. Destaque para o Cel. Silvino Bezerra de Araújo Galvão, chefe da cidade de Acari e vice-governador do Rio Grande do Norte, na chapa do Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.

Ingá de Manoel Augusto hoje de Maurício



Cel. José Bezerra jovem

Residência do Cel. José Bezerra em CN cadeiras na calçada

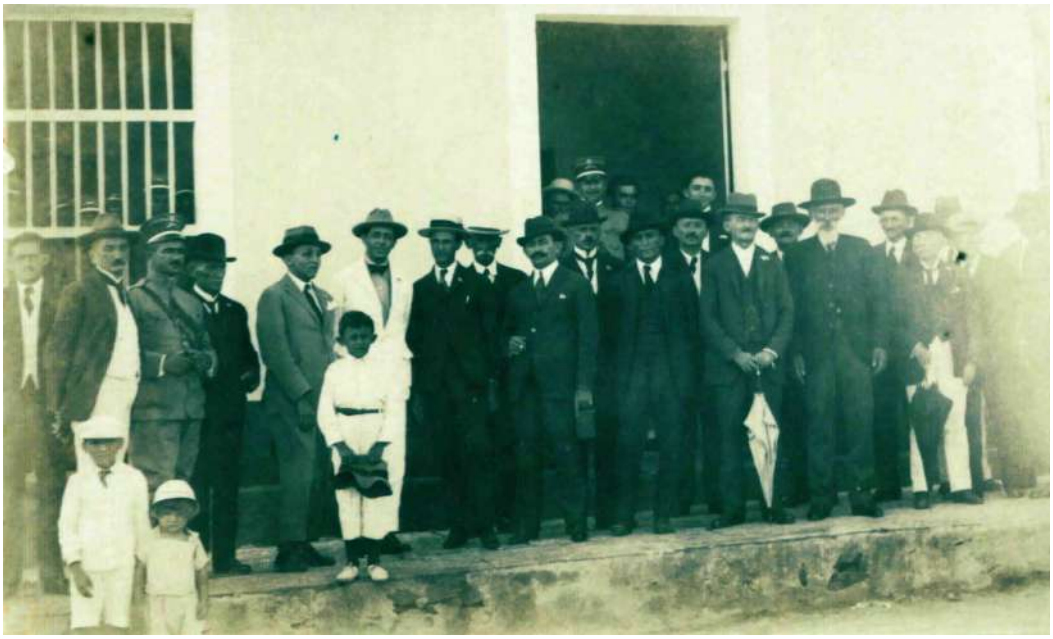
O jovem José Bezerra, de estatura alta, forte, de constituição robusta, entregou-se, em moço, aos esportes favoritos dos rapazes da sua época: a equitação, as vaquejadas, as lutas perigosas e emocionantes com os barbatões bravios criados em vastos campos abertos e nas caatingas cerradas. Todos os seus ancestrais foram fiéis ao signo da terra e da criação. Homem do campo, José Bezerra possuiu as mais belas e importantes propriedades da época no Seridó. Nascido na Fazenda Ingá, morou em seguida na Fazenda Bulhão, transferindo-se em 1880 para a Aba da Serra, seu quartel general de toda a vida. Era o seu feudo. O território sagrado de sua ação.

Senhor de terras, criador e liderança política acatada. José Bezerra foi ainda muito moço apontado pelo presidente da província do Rio Grande do Norte para ser membro da Guarda Nacional, pertencendo aos quadros da 4ª Companhia do Batalhão nº. 17, em Acari, em 1869. No ano de 1877, foi designado delegado em Acari, onde desenvolveu uma ação pronta, enérgica e tão justa, que apesar da forte repressão exercida contra os delinquentes de várias espécies, não criou inimigos. No ano de 1886, foi nomeado coronel comandante superior da Guarda Nacional da Comarca do Jardim, em decreto assinado por sua majestade imperial Dom Pedro II. Em 1893, foi reformado neste posto pelo decreto do então vice-presidente da República, marechal Floriano Peixoto.

Militou, durante o império, nas fileiras do Partido Liberal, quando, desmembrado o município de Currais Novos do de Acari, Zé Bezerra passou a chefiá-lo, por exigência de seus amigos, e, segundo seus contemporâneos, agiu com tanta inteligência e liberalismo que a população unânime cerrou fileiras em torno de sua pessoa.

Na cidade de Currais Novos foi Presidente da Intendência por dois mandatos: 04-04-1892 a 02-10-1892 e de 01-01-1915 a 30-12-1926. Estimulou a construção da estrada de automóveis do Seridó, convidando seus familiares e amigos para adquirir ações da sociedade anônima que estava à frente do empreendimento. Posteriormente, observando não serem cumpridas cláusulas contratuais, retirou-se com seus liderados da sociedade.

Coronel José Bezerra de Araújo Galvão e amigos



Juvenal Lamartine e o governador Antônio José de Mello e Souza visitam o cel. José Bezerra em Acari

FAMÍLIA

Debrucemo-nos agora sobre o patriarca da Aba da Serra. Sobre o chefe do clã cujas ramas espalharam-se pelo mundo, carregando o sangue de um homem fiel às suas raízes. O coronel José Bezerra casou em 09-01-1872 com a prima Antônia Bertina de Jesus, filha do coronel João Damasceno Pereira de Araújo, e com a qual constituiu uma família composta de 13 filhos.

Essa família se desdobrou em inúmeros descendentes, muitos dos quais atuantes no cenário político do Rio Grande do Norte, como: Quintino Galvão (neto), ex-prefeito de Currais Novos; José Braz (neto), ex-prefeito e líder político de Acari; Silvio Bezerra de Melo (neto), ex-prefeito de Currais Novos; Zé Lins (trineto). ex-deputado estadual e ex-prefeito de Currais Novos; Fábio Faria (trineto), deputado federal pelo RN e ministro das Comunicações; José Bezerra de Araújo (neto), senador pelo RN em 1965 e ex-prefeito de Currais Novos; Francisco Leonis Gomes de Assis (bisneto), ex-prefeito de Currais Novos, José Bezerra de Araújo Júnior (bisneto), senador do RN. Vale destacar os sobrinhos que atuaram na política do RN ainda em vida de José Bezerra – Juvenal Lamartine e José Augusto Bezerra. Personagem importante para a cultura do Rio Grande do Norte, o escritor José Bezerra Gomes era neto do velho patriarca sertanejo.

Antônia Bertina de Jesus, esposa de José Bezerra

Cel. José Bezerra e parte de seus filhos e netos

A PARTIDA

Por fim, os últimos anos do coronel José Bezerra de Araújo Galvão foram mansos e calmos. Ainda segundo Veríssimo de Melo, idoso, atravessava as ruas de Currais Novos, alto, firme, barbas longas e alvas. Vestindo o tradicional paletó de alpaca por sobre calça de brim branco, firmando-se no seu cajado encastoado em prata maciça. Faleceu às 16h do dia 05 de fevereiro de 1926. Seu corpo foi levado pelos currais-novenses até a divisa dos municípios, onde foi entregue aos acarienses, que o sepultaram no cemitério local. Os seus restos mortais encontram-se, com os de sua esposa, em ossuário numa das paredes da Matriz de Nossa Senhora da Guia. Recordando o personagem José Bezerra, assim descreveu o jornalista Assis Chateaubriand:

"Era divinamente telúrico. Exercia caciquismo naturalmente, como quem bebia água ou tomava pinga. Lealdade, fervor das coisas públicas, firmeza de convicções, eram os sucos das suas reservas. Imperava soberano, na latitude do Seridó, o Matusalém Riograndense do Norte".

Foi um autêntico patriarca. Era o tipo acabado do coronel sertanejo. O coronel José Bezerra, como José Bernardo e Silvino Bezerra, pertenciam a essa privilegiada aristocracia rural, dos coronéis seridoenses, a cuja ação social e política o Rio Grande do Norte tanto deve, porque, na verdade, todos eles foram fatores importantes de equilíbrio, disciplina e estabilidade na paisagem rude e livre da vida sertaneja.

Cel. José Bezerra idoso

Cajado do Coronel José Bezerra

Inauguração da estátua de José Bezerra em 1953: da esq. p/ a dir. Edgar Salustino, Celsa Bezerra Pires (sobrinha do coronel), Silvio Bezerra de Melo, Dr. José Bezerra de Araújo, José Bezerra Gomes, Maria Galvão Chacon, Francisca Bezerra (sobrinha do coronel), Veneranda Bezerra de Melo (nora do coronel), Tereza Bezerra Salustino, Giselda Salustino Porto, Tonita Salustino Barreto, Mario Moacir Porto, Wenceslina Salustino Dutra, Elvira Bezerra de Oliveira, José Braz de Albuquerque Galvão e José Moacir Salustino Porto.

Fechadura da porta principal da Fazenda Aba da Serra

JOSÉ DANIEL DINIZ MELO

Nos tempos DA PANDEMIA

"O BRASIL PRECISA REPENSAR A EDUCAÇÃO E ENTENDER QUE É UMA FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. A PANDEMIA VEIO ALERTAR E AGRAVAR AINDA MAIS ESSA SITUAÇÃO", ALERTA O REITOR DA UFRN, JOSÉ DANIEL DINIZ MELO. DISCORRE SOBRE DIFICULDADES, SUCESSO E NECESSIDADES PARA A EDUCAÇÃO EM TODOS OS NÍVEIS

Por Aura Mazda
Fotos: Cícero Oliveira

A pandemia de covid-19 alterou o eixo das relações sociais e causou prejuízos humanos e materiais sem precedentes. Inserida na história e no cotidiano das grandes cidades do estado, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN mergulhou, nos últimos dois anos, no período considerado um dos mais desafiadores ao longo das seis décadas de existência da instituição. Os prejuízos reais causados pelo isolamento ainda não podem ser mensurados, avalia o reitor José Daniel Diniz Melo.

O cenário desolador causado pela pandemia, entratanto, teve também uma direção de contramão. Com conquistas. O reitor apontou serem frutos de um trabalho em grupo desenvolvido ao longo das últimas gestões e continuada agora sob a sua responsabilidade. No leque de resultados, destaca que em outubro do ano passado a UFRN alcançou o 1° lugar entre as Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) como a melhor do país no Índice Integrado Governança e Gestão (IGG) do Tribunal de Contas da União (TCU), no ciclo 2021. Ainda no âmbito nacional, a Instituição ficou em 2° lugar entre todas as organizações do Poder Executivo Federal.

Em dezembro passado foi premiada como sexta colocada na 4ª edição do Ranking de Universidades Empreendedoras, organizado pela Confederação Brasileira de Empresas Juniores (Brasil Júnior). Esse foi o melhor desempenho da UFRN no ranking, que coloca a instituição em 1º lugar entre as universidades do Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste. A edição 2021 recebeu a colaboração de 126 universidades e mais de 24 mil alunos consultados, cuja participação permitiu o diagnóstico do cenário das universidades brasileiras durante o ano de 2020.

No mesmo mês, a UFRN depositou a sua primeira patente internacional. Trata-se de uma nova composição química à base de duas substâncias, os surfactantes não iônicos e o álcool de natureza apolar, capazes de remover e deslocar o óleo pesado – petróleo – impregnado em superfícies sólidas, especificamente de arenito.

Segundo o reitor, as conquistas foram possíveis graças ao rigoroso cumprimento de metas indicadas no Plano de Gestão, que tem 59 indicadores. "Há todo um processo de planejamento, uma equipe muito qualificada na universidade. Esse é um trabalho feito por muitas pessoas e cabe à reitoria organizar e coordenar isso. Também é resultado do próprio modelo de gestão, que é colegiado, participativo, e isso é importante porque as decisões são tomadas em conjunto e contribuem para que as instituições continuem evoluindo".

CORTES NO ORÇAMENTO

O maior desafio encarado por sua gestão, de acordo com o reitor Daniel Diniz Melo, são os cortes no orçamento feitos pelo Governo Federal e que se estendem a todas as universidades públicas do país. "Considero que no ano passado foi possível trabalhar mesmo com o orçamento enxuto porque a pandemia mudou o perfil de necessidades orçamentárias da instituição. Esse é um desafio muito preocupante para 2022 também. Estamos aguardando a publicação da Lei Orçamentária, mas precisaremos fazer um planejamento aprofundado, a situação é muito preocupante".

A imprevisibilidade do orçamento, explica o reitor, limita o planejamento a longo prazo para as universidades. "Se a gente considera uma instituição do tamanho da UFRN, uma comunidade com quase 50 mil pessoas, com a importância social e para o desenvolvimento do estado, ela tem a necessidade de ser planejada pelo menos a médio prazo. Mas com a imprevisibilidade do orçamento, não tem como isso ser feito".

Destaca que um dos setores mais afetados pelos reiterados cortes, que vêm há anos, é o de pesquisas, a contar que dependem de editais de órgãos de fomento federal, como os do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). "Mesmo não sendo diretamente o orçamento da UFRN, o corte atinge diretamente as pesquisas feitas na Universidade", explica. Informa que neste ano de eleição, a Associação de Reitores entregará a todos os candidatos um documento com compromissos para buscar soluções dos problemas enfrentados pelas universidades.

UFRN NA PANDEMIA

A pandemia de covid-19 exigiu decisões ágeis dos gestores nos mais diversos âmbitos. Na UFRN não foi diferente. A instituição migrou para o modelo remoto de aula e trabalho, o que exigiu adaptação em sistemas e capacitação de docentes, técnicos e estudantes. Aos poucos, a instituição retoma a rotina ordinária e planeja ações para mitigar prejuízos causados pela pandemia.

O reitor Daniel Diniz Melo lembra que a UFRN "também implementou muitas medidas de apoio à sociedade nesse período, como a realização de quase 200 mil exames realizados no estado, consultas remotas, desenvolvimento de plataformas, produção de álcool. Os hospitais universitários receberam pacientes de outros estados. A universidade realizou estudos, publicou descobertas e esteve na linha de frente no combate ao vírus".

Marcado para começar em 28 de março, o período letivo de 2022.1 virá com mudanças para alunos e professores, impostas principalmente pela pandemia de covid-19. Uma delas é a obrigatoriedade da apresentação do passaporte de vacinação para todos que frequentam a UFRN, desde professores e alunos até visitantes. A medida foi definida pelo Consepe - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, em dezembro passado.

O único caso em que o passaporte não será exigido pela UFRN será quando doentes que precisarem acessar os hospitais da Academia e médicos e servidores contratados pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, vinculada ao Ministério da Educação (Ebserh).

Sobre a retomada das atividades presenciais, explica que ocorre gradativamente. "As atividades acadêmicas práticas vêm sendo realizadas desde novembro de 2020, se aprovadas pelas instâncias universitárias e asseguradas as condições de biossegurança. O trabalho presencial técnico-administrativo também vem sendo retomado de forma gradual e segura, com avanço maior em setembro de 2021, quando ocorreu o retorno presencial dos gestores, seguido das equipes".

O gestor também explica que ainda não é possível calcular se houve evasão por conta da pandemia, a exemplo do cenário registrado na rede estadual de ensino do RN. Na UFRN, devido ao contexto da pandemia da covid, o Consepe também regulamentou, temporariamente, a suspensão de cancelamento de cursos por abandono, decurso de prazo ou insuficiência de desempenho acadêmico.

"Nessa perspectiva, registramos uma redução na quantidade de evasão, já que, em 2019.1, tivemos 2.447 alunos evadidos e, em 2021.1, 740. Também tivemos um aumento na quantidade de matrículas, visto que no período de 2019.1 houve 26.492 matriculados e chegamos a 28.216 estudantes matriculados, em 2021.1", considera o reitor.

"Se a gente considera uma instituição do tamanho da UFRN, uma comunidade com quase 50 mil pessoas, com a importância social e para o desenvolvimento do estado, ela tem a necessidade de ser planejada pelo menos a médio prazo. Mas com a imprevisibilidade do orçamento, não tem como isso ser feito."

FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO

Aguerrido defensor da educação, José Daniel Diniz Melo alerta para a necessidade de estruturar mais o ensino no Brasil. No Rio Grande do Norte, por exemplo, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2020 indicam que 372 mil pessoas no estado são analfabetas.

Pondera o reitor, sobre a educação em todos os níveis de ensino: "Temos uma situação extremamente preocupante, eu não posso deixar de citar a desvalorização dos professores e dos demais profissionais da educação. O Brasil precisa repensar a educação e entender que é uma ferramenta de desenvolvimento econômico e social. A pandemia veio alertar e agravar ainda mais essa situação. Pensando no futuro, ou mudamos de maneira clara e objetiva para mudar o rumo do que está acontecendo, ou a situação pode se agravar ainda mais. Não podemos pensar em universidade sem refletir sobre todos os outros níveis de ensino".

VERÕES EFERVESCENTES

TODO CHEF ESTRELADO, HAROLDO VARELA TAMBÉM É NOTABILIZADO POR SUA VERVE ÁCIDA. VEZ POR OUTRA ELE USA O PERFIL NO INSTAGRAM PARA ESCREVER CRÔNICAS, PRINCIPALMENTE QUANDO CHEGA O VERÃO, ÉPOCA EM QUE OS LITORAIS DO RN ESQUENTAM TAMBÉM COM A PRESENÇA DE VERANISTAS E VISITANTES. PARA ESTA EDIÇÃO DA BZZZ, ELE NOS ENVIOU ALGUMAS PARA DELEITE, SOB O TÍTULO "A SAGA DO VERANISTA POTIGUAR"

Despedida

Falando sério! Fiz algumas publicações sobre a saga do veranista potiguar, claro que exagero um pouco, mas a intenção é apenas para deixar a leitura mais divertida.

Gostaria de agradecer ao apoio e incentivo de todos, e em breve voltarei a escrever sobre outros temas...

Mas, voltando ao assunto, que é bom veranear, é, depois de um ano de trabalho, stress, vida corrida, engarrafamento, ufa, que bom que chegou o nosso veraneio: pé no chão, sem hora para nada. E os amigos, sempre é muito bom poder receber os amigos, resenhas na varanda, segredos de alcovas e àquela fofoquinha .

Amigos são os irmãos que escolhemos, costumo dizer: trate bem seu amigo, quem sabe vocês ficarão no mesmo abrigo, e que seja à beira-mar, e assim o veraneio será infinito.

Parrachos

A maior parte das crônicas que escrevo vem de experiências que já passei. Outras de relatos dos amigos que pedem a minha narrativa. Claro que floreio um pouco, mas a intenção é divertir o leitor .

Que maravilha, sol, verão, tudo é festa, mas é uma pena que o despretensioso banho de mar já não é o mesmo.

Se você não pode ostentar à noite, nem tudo está perdido. Nos parachos (piscinas naturais em arrecifes) você pode voltar à ribalta e qualquer "plus", você será o assunto do dia.

Não importa o que você curte, o importante é mostrar que é bem sucedido. Exibir a sua melhor companhia, modelitos da moda, chapéus, óculos que mais parecem parabrisa de kombi; colares, brincos, bebidas da moda e, principalmente, o 'meio de transporte' faz de você alguém importante. Soube até do churrasco em alto mar.

Particularmente não entendo bem o banho de mar incompleto. Será que é para não desmanchar o penteado ou medo de afundar de vez com o peso da bijoux? Imagino se as lagostas, peixes, polvos e lulas, entre outros, pudessem verbalizar a estranheza de tudo isso.

Eu, como mortal, já acho esquisito. Mas, o importante é que você está presente, sorrindo e preocupado apenas em mostrar que é feliz. As selfies, artificialmente naturais e despojadas, dão o aval.

Oremos

Saudade

A coisa mudou. Nosso veraneio era bem mais simples (e mais barato). A casa era mobiliada com móveis de segunda mão, geladeira, fogão, panela, talheres, copos... era uma verdadeira colcha de retalhos.

E o enxoval?

Tudo roupa usada. Nem se falava em perigo. Caco de vidro no muro nos garantia a segurança. Os dias começavam cedo, e as farras não passavam do fim da tarde. Papos na varanda, jogo de baralho....e cama.

Café da manhã farto, com queijos regionais, tapioca, cuscuz, ovo, bolo. Banana, laranja, manga, abacaxi, as frutas faziam parte da dieta na hora do lanche.

Muito banho de mar. E Hipoglós era a nossa proteção contra o sol. Bicho-de-pé era sinônimo de um veraneio de sucesso.

Na hora da farra, menino não podia encostar no tira-gosto, era só para quem tava bebendo.

Sangue de boi com gelo, Pitú, cerveja em garrafa (2 marcas), rum Montila, faziam a alegria dos bebuns, mas, vez por outra alguém esnobava com uma garrafa de Ballantines.

Refrigerante só nos dias de festa, e nos finais de semana o negócio era refresco.

Nada de tecnologia. A imagem da tela da TV era péssima, e acompanhar alguma novela era um martírio.

Para falar ao telefone tínhamos que depender do posto telefônico local, do horário de funcionamento, do humor da telefonista e do tamanho da fila.

Ah…como faltava energia, gelo era uma raridade, não podia desperdiçar.

A música era de boa qualidade, sempre tinha alguém que arranhava um violão, e o coral dê desafinados estava sempre presente. Tinha

até a back voice quando as músicas eram de Vinícius. Mas Andança era a campeã, todos sabiamnum pedaço da música.

Chuveiro com água fria, em um único banheiro da casa, nem lembro como as portas aguentavam tantas batidas... toc, toc, toc... tá fazendo o quê? Abra logo essa porta, tá demorando muito... eita, a água acabou, e a bomba está quebrada.

Redes, lençóis, toalhas, eram quase comunitárias. Rolos de filmes eram gastos para registrar as melhores cenas. Nada de retoques ou fotoshop.

A ansiedade para ver as fotos era grande, pois só revelava quando todo o filme estava usado, isso quando um desavisado não abria a câmera antes de rebobinar o filme, e perdia todas as fotos.

Quem não viveu tudo isso estranha e pergunta se éramos felizes.

CLARO que sim! Éramos simples.

Cote D'azur.

Parece que já começou, né?

Eita! É verão e quase parece o fim da pandemia. Na Lagoa ou praia, as conversas com as amigas, nos fins de tarde com balanço de rede e àquele cafezinho com tapioca.

Que nada! tudo mudou.

Com alguns fingers food (as hoje famosas comidinhas para se provar com os dedos) regados a Prosseco, Gyn Tônica (bebida da Rainha) e Caipifrutas exóticas.

As tardes já não são as mesmas. Os assuntos mudaram, e os problemas também. A resenha é grande e o papo é outro. Botox, detox e dietas são os assuntos preferidos.

E se você não tiver dermato, personal, nutri, psicólogo, oral designer, esteticista, podo, endócrino, terapeuta, cirurgião plástico e outras especialidades abreviadas, você não é do métier.

Aconselho: nem se atreva a entrar na conversa, pois ficará boiando e tentando entender como conseguiu sobreviver até hoje sem nada disso.

"Outro dia um almoço quase seria cancelado porque a personal arquiteta não chegava para colocar o vaso na posição certa em uma mesa". Vale salientar que a mesa era redonda, mas exigia uma grande habilidade para conseguir posicionar o bendito jarro no centro da mesa. Mas ela chegou a tempo, para o alívio da hostess.

Só esse assunto durou quase uma hora, pois todos ficaram impressionados em saber que a renomada profissional foi até à casa de praia só para isso. Ô prestígio!

Mas não para por aí. Entre elas a competição é velada, looks arrojados (parece um arco-íris de baianas), makes de festa e penteados cosmopolitas fazem os encontros ficarem interessantes.

Fotos, fotos e mais fotos... o importante é saber se todos saíram bem, afinal de contas, a produção foi grande e os momentos precisam ser registrados e publicados nas redes sociais, para o deleite dos simples mortais.

Que os saltos não afundem nas areias!

FELIZ 1

Não importa onde você está veraneando, se é muma mansão ou casa de pescador. Pirangi, Pitangui, Muriú, Jacumã... cada um vai para aonde gosta e pode, e é feliz à sua maneira.

O segredo é usufruir do que temos e aproveitar os pequenos momentos.

Uns são felizes com um carro novo importado, uma jóia cara, com uma simples chuva no sertão ou apenas com uma lua cheia na beira da praia.

Triste são os que pensam que só conseguirão ser felizes com aquilo que almejam, esquecendo o que já conquistaram e não aproveitam os pequenos prazeres do cotidiano, esquecendo o presente.

Em tempos de redes sociais, nem tudo que reluz é ouro. Não se frustre nem se impressione com a felicidade alheia.

Desconfie de gente muito feliz, sem problemas, com relacionamentos e vidas perfeitas.

NÃO EXISTE! HELLLLLOOOO…

Acredito que tudo demais é veneno e que em todo excesso existe uma grande falta.

Sabe o marido daquela fulana chic que desfila todos os dias com um biquíni novo naquele condomínio de luxo, e ainda ostenta viseira Dior?

Pois é, o marido dela tem um amante. E que usa sunga.

Alguns passam a vida comparando a grama do quintal do vizinho, que nem é tão verde assim, se for ver de perto, é artificial.

Curta seu simples verão, junte seus amigos, aproveite o dom da vida, fale bobagens, dê foras, beba sua cachaça com cajú, ofereça o que você pode e não se cobre tanto.

Fique certo que seu veraneio também é TOP.

MONSENHOR EXPEDITO

Água em sua HOMENAEM

Por Eliana Lima | Fotos: Canindé Soares

Ter ideia de como é viver e sobreviver com a falta de água é possível para a imaginação geral. Mas, conviver com o dramático cenário da escassez desse recurso natural, essencial para a existência e sobrevivência das diferentes formas de vida, é muito além do que se possa imaginar até mesmo a vã consciência.

Discorro sobre com a convicção de quem presenciou a vida castigada pela seca. Não que eu tenha passado por tal dificuldade, mas acompanhei, durante toda a minha adolescência, a tal da falta d'água e muita latas nas cabeças. No lugar para aonde eu ia toda vez que o fim de semana chegava, nas férias e nos feriados: São Paulo do Potengi, município de uma das regiões do Rio Grande do Norte mais castigadas pela estiagem.

Quando chovia, era uma festa. Corria para a rua tomar banho de bica, coisa que essa nova geração sequer saber o que é. E quanto significa bom. E também, com meus irmãos, nos jogávamos dentro dos tanques que tinham – normalmente secos, à espera da água da chuva – na casa dos meus avós Sebastiana e Gregório Lima.

A casa dos meus avós tinha o privilégio de poucos: chuveiro e descarga no vaso do banheiro. Mas só poderiam ser usados em tempo de chuva, para não gastar a preciosa água da cisterna, de aonde saía a sobrevivência diária garantida. Muitas vezes abastecida por caro-pipa.

Eu achava tão o máximo ter àquelas regalias praticamente inexistentes – à época – na cidade, que algumas vezes tomava banho de chuveiro escondida e sempre era tomada de susto pelos gritos da minha avó que batia na porta dizendo, braba, para desligar. E olhe que em Natal, onde eu morava, a água era em abundância. Mas não tinha o gostinho do momento inédito, né?! Os banhos normalmente eram de cuia, da água retirada de um pequeno tanque na varanda que ficava para o jardim da casa.

E da varanda externa da maravilhosa casa dos meus avós – sim, achava aquele lugar dos sonhos -, observava os muitos que desciam a ladeira e subiam com seus jegues carregando nas laterais água em recipientes feitos de alumínio. Era água que moradores buscavam dos pocinhos que ficavam dos resquícios de chuvas que dificilmente enchiam o Rio Potengi. Muitos deles barrentos.

Não esqueço jamais o espetacular dia em que fui acordada para ver a água do rio que transbordava e chegava próximo da casa dos meus avós. Que alegria! "Choveu na cabeceira!", gritavam muitos, felizes, em referência que o rio estava cheio porque a água chegou pela cabeceira – parte superior em curso d'água perto da nascente.

E os banhos de rio? Inesquecíveis. Exibida como sou, pulava das pedras, para chamar a atenção do primeiro amor que surgia e fazia correr o chamado frio no coração e na espinha. Mas precisávamos ter todo o cuidado com a perigosa correnteza.

E essa história da água me enche de lembrança de um homem bom e de alma pura que tive a bênção de conviver e rezar em suas missas: Monsenhor Expedito de Medeiros. Homem abastado que renunciou ao luxo e foi viver uma vida simples como o pároco daquele povo sedento por água. Amava tanto aquele

povo a quem ajudava sem olhar, que de lá nunca quis sair para crescer nas hostess sacerdotais.

Sua trajetória em busca da água para o seu povo foi tão intensa, que recebeu o carinho de títulos como "Monsenhor das Águas" e "Profeta das Águas". Lembro tanto dele na casa dos meus avós falando sobre os problemas da falta d'água, e sempre recebia a contribuição inesgotável dos meus bondosos e saudosos avós.

A importância para mim de todo aquele cenário e aquele homem tão maravilhoso foi tanta, que meu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, pela UFRN, foi sobre a história desse ser de luz para matar a sede de um povo que vivia na esperança das muitas promessas dos políticos a quem depositava sempre voto de confiança nas urnas. Trabalho em conjunto com os colegas de curso Paulo Sérgio, filho da terra, e Cristiana Costa.

Fotos: MDR

Jucurutu-RN / Barragem de Oiticica, que também receberá águas do Rio São Francisco

Barragem que também foi visitada pelo presidente Bolsonaro e o ministro Marinho

POIS BEM

Essa introdução – que dá quase um livro de tão grande – é para falar sobre a tão esperada água da transposição do Rio São Francisco. Um sonho que começa a ser realidade.

Noves fora todas as questiúnculas políticas, uma coisa é certa: foi por determinação do presidente Jair Bolsonaro que essa obra que se arrasta há anos foi, enfim, concluída. Faltava muito pouco, como dizem os adversários que iniciaram as obras, mas esse pouco não chegava ao fim e muita coisa foi deixada pelo caminho, inclusive em estado de abandono.

O importante disso tudo não é o pai ou a mãe da chegada das águas, mas sim a realidade que muda a vida de um povo que muito foi castigado pela seca. Idem os animais. Sem esquecer, obviamente, que a situação dramática de antes foi amenizada com as adutoras construídas pela determinação de Garibaldi Alves Filho (MDB), quando governou o Rio Grande do Norte. Como homenagem mais que merecida, a adutora recebeu o nome de Monselhor Expedito de Medeiros. Garibaldi acompanhou e ajudou na imensa busca do santo padre por recursos hídricos.

O MOMENTO

A importância desse momento da chegada das águas do Rio São Francisco ao Rio Grande do Norte não poderia ficar ausente destas páginas de mel, notabilizada por contar histórias. E esta tem ainda a importância de estarmos vendo a realização acontecer. A inauguração das águas aconteceu com a presença do presidente Bolsonato, no município potiguar de Jardim de Piranhas, no dia 9 de fevereiro de 2022.

As fotos são de Canindé Soares exclusivamente para o nosso site – bznoticias.com.br – e para a BZZZ.

MOMENTOS REGISTRADOS POR CANINDÉ SOARES

Fotógrafos na cobertura do evento presidencial

Samuel ganha os parabéns

Hora do Hino

Cavalgada presidencial

Músico e prefeito de Jardim do Seridó (RN), José Amazan (PSD) toca e canta a música que fez para Bolsonaro

O abraço dos ministros Fábio Faria e Rogério Marinho, que desejam ser senador do RN

Nas margens do Rio Piranhas, Bolsonaro planta muda de carnaúba, espécie típica do nordeste brasileiro

Filho da terra, o deputado João Maia presenteia com camisa do Clube Atlético Piranhas

Presente de fé da primeira-dama de Jardim, Alderice Soares

Os deputados federais do RN João Maia (PL) e Benes Leocádio (Republicanos)

O presidente e os potiguares ministros Rogério Marinho (Desenvolvimento) e Fábio Faria (Comunicações)

Discurso do prefeito de Jardim, Rogério Soares (MDB)

Fazendeiro potiguar Marcus Sibaúma

O flagra de Stênio Dantas

Cumprimento ao prefeito de Natal, Álvaro Dias (PSDB)

PSIQUIATRIA

Nos corredores da loucura

O HOSPITAL COLÔNIA DOUTOR JOÃO MACHADO TRAZ EM SUA HISTÓRIA A EVOLUÇÃO DOS TRATAMENTOS E COMPREENSÃO DA LOUCURA NA VISÃO DE UM MÉDICO HUMANISTA E DISPOSTO A TRANSFORMAR A REALIDADE DE QUEM SOFRE DAS DOENÇAS DA MENTE

Por Ana Caroline Carvalho
Fotos: arquivo

Os males que afetam a mente e aqueles que sofrem com as diversas doenças que fazem com que o dito "normal" se distancie do nosso comportamento sempre foram tabu. Antes da criação do hospitais psiquiátricos o destino de quem não estava em suas perfeitas "faculdades mentais" era um: isolamento seguido de morte. Somente no século XIX, os primeiros asilos para alienados foram construídos no Brasil, tentando trazer esperança e entendimento para a loucura. Com o passar dos anos, médicos e pesquisadores tentaram compreender as doenças da mente. Erros e acertos foram cometidos até chegar ao modelo atual dos hospitais psiquiátricos.

Em Natal, os primeiros indícios de tentativa de construir um lugar que acolhesse os loucos que perambulavam nas ruas da cidade datam de 1857, ano em que foi criado um Lazareto (expressão que definia local de depósito de leprosos). Para este lugar, além dos que eram acometidos pela lepra, varíola, sífilis ou tuberculose, também eram enviadas as pessoas que não se enquadravam nas regras de conduta social, ou seja, os loucos. No Lazareto não havia tratamento adequado, nem às doenças do corpo, nem às da mente. Os pacientes que ali chegavam raramente saíam vivos.

DOUTOR JOÃO MACHADO: UMA NOVA ESPERANÇA PARA OS ALIENADOS

O século XX trouxe uma nova esperança para quem sofria das doenças mentais, que passaram a ser reconhecidas como dever do Estado. Foi neste século que esse tipo de enfermidade começou a ser questionado e a ter um estudo aprofundado. Muito ainda precisava ser feito para que os loucos tivessem um tratamento adequado, tanto médico quanto social. Em 1911 o Lazareto troca de nome e é batizado de Asilo da Piedade do Natal, popularmente chamado de Prisão dos Doidos. Apesar da mudança, os métodos de tratamento não evoluíram, os pacientes com doenças mentais continuavam sofrendo com intervenções que em nada ajudavam nas suas angústias.

Em 1921, houve uma nova mudança de nome e o Asilo da Piedade passa a se chamar Hospício de Alienados de Natal, com serviços e tratamentos uniformizados e sob a direção do médico Varela Santiago. A estrutura do local foi se desenvolvendo e, segundo conta a dissertação "Diálogos da Alma - Uma história da loucura", de autoria da historiadora Juliana Rocha, foram criadas enfermarias no decorrer dos anos, onde o tratamento era diferenciado para aqueles que gozavam de boas condições financeiras, desfrutando de melhores instalações e medicamentos, já para aqueles que estavam à mercê da sociedade sobravam os tratamentos dolorosos e degradantes, como choque térmico com água fria.

Em 1936, chega a Natal o médico que iria começar a mudar a visão dos tratamentos oferecidos no Hospício de Alienados, João da Costa Machado, discípulo do idealizador da psiquiatria social, Ulysses Pernambuco. Em "Diálogos da Alma", Juliana conta que ao ver os métodos utilizados no local, de imediato, João Machado recomendou o seu fechamento. O médico aceitou o convite para ser diretor do hospital na intenção de mudar a instituição. Uma das primeiras ações tomadas foi denunciar ao departamento de saúde do estado o descaso que ocorria no ambiente. Além disso, também propôs mudanças significativas inspiradas nas práticas que aprendera com o seu mestre.

João Machado também propôs um modelo de atendimento ambulatorial que contava com terapeutas, psicólogos, psiquiatras, enfermeiros e outras especialidades e a construção de um manicômio judiciário, que separaria os loucos criminosos dos não criminosos. A meta era diminuir o número de internamentos e reinternados e permitir aos loucos, em alguns casos, o seu retorno à sociedade. A visão humanista de João Machado, que também usava a arte como forma de tratamento, não agradou ao governo estadual da época que exonerou o médico de seu cargo em 1942.

Doutor João da Costa Machado

As ações de João, no entanto, não passaram despercebidas. Em 1946, grandes figuras da sociedade local, dentre elas Câmara Cascudo, solicitaram ao Governo Federal ajuda para a construção do Hospital Colônia, idealizado pelo médico. A inauguração do Hospital Colônia, hoje chamado de Hospital Colônia Doutor João Machado, data de 1950, mas o início do seu funcionamento, de fato, data de 1957. Neste ano, no dia 15 de janeiro, a cerimônia de inauguração do hospital contou com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, que declarou oficialmente a abertura da casa.

Localizado em um terreno afastado no bairro do Tirol, a estrutura do hospital foi baseada no modelo de colônia agrícola sem grades de ferro e muros internos, favorecendo a integração e o convívio dos pacientes com objetivo de dar continuidade às suas vidas sociais. O doutor Pedro Coelho foi indicado por João Machado para a direção do hospital. O médico, assim como seu sucessor, continuou enfrentando o descaso do poder público com a saúde mental. Apesar de seguir as diretrizes idealizadas por João Machado, o hospital foi usado como residência permanente de pacientes, chamados crônicos residentes, com carências estruturais e emocionais.

Apesar dos obstáculos, Pedro Coelho procurou ao máximo dar continuidade ao que foi imaginado por João Machado. Estava sempre aberto a novos tratamentos que procurassem reintegrar os pacientes e foi um dos idealizadores, junto com Machado, da Sociedade das Damas Protetoras, composta por mulheres da alta sociedade natalense voltada para caridade com os doentes mentais.

Através dos anos, o Hospital Colônia Doutor João Machado seguiu sobrevivendo a épocas de descaso e tentando mudar o olhar da sociedade para com aqueles que precisam dos serviços da instituição. Hoje, atende pacientes com doenças mentais em crise aguda, além de atendimento em enfermarias clínicas. Na psiquiatria, o tratamento inclui avaliação especializada em psiquiatria, atendimento psicológico, social e ocupacional, além dos cuidados de enfermagem e outros próprios do âmbito hospitalar. Também inclui acompanhamento terapêutico, uma modalidade assistencial que facilita a inclusão e o retorno do paciente à vida cotidiana.

Internos e visitantes em evento

Lavanderia doo hospital

Presidente Juscelino Kubitschek aperta a mão do Doutor João da Costa Machado

Fotos: Acervo Hospital João Machado

Lavoura disponibilizada aos pacientes

Paciente e médico na lavoura

Internos praticando a laboterapia no aviário do hospital colônia

OBJETO DE ESTUDO

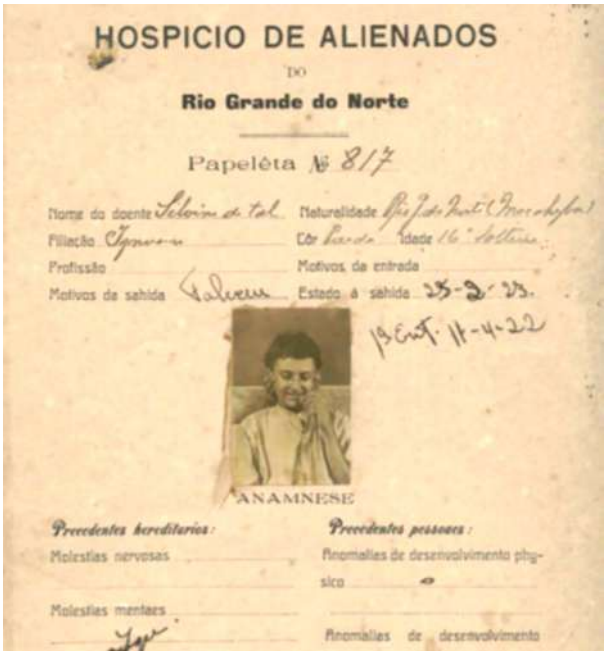
A história do Hospital João Machado não passou despercebida para a professora e historiadora Juliana Rocha, que passou três anos frequentando-o para sua dissertação de mestrado intitulada "Diálogos da Alma - Uma história da loucura". "Me encantei por esse tema durante a graduação, embora eu fosse de um curso de humanas, as questões de saúde me fascinavam, e a doença mental, seu tratamento e definição da doença no cenário social me despertavam maior curiosidade. Junto à minha orientadora Ceiça Almeida, decidi contar uma outra versão da história da loucura, agora pautada nos fragmentos possíveis pela história de vida de quem estava ali", conta.

Juliana afirma que os dias dentro do hospital eram além do que ela esperava. "Eu era surpreendida diariamente. Um dia jamais era igual ao outro", disse. A professora reforça que mesmo antes de sua pesquisa, nunca sentiu um sentimento de aversão ou medo do que o hospital representava. "Algumas cenas jamais esquecerei, certamente, entre elas a conversa com um jovem que chegou ali com um intenso desejo de ser São Francisco e, a exemplo do santo cristão, desnudou-se em plena rua sendo para lá levado como doente mental. Não estou jamais romanceando a doença. Ela é cruel e sabemos disso", afirmou exaltando que "para entenmuito mais branda", relembra.

Juliana Rocha, professora

Os internos do Hospital João Machado também despertaram interesse na produtora cultural Pollyanne Azevedo, que viu potencial nos desenhos produzidos pelos pacientes e resolveu montar uma exposição, em 2016, para o seu TCC que reuniu ilustrações produzidas entre os anos de 1962 e 1979. Pollyanne conta que essa foi "uma oportunidade de crescimento tanto como ser humano, pois mudou completamente a forma como enxergava a doença mental, quanto na área da licenciatura, que me possibilitou vivenciar um estágio em um ambiente não escolarizado. Fui uma das primeiras estudantes do curso de Artes a estagiar em uma Sala de Terapia Ocupacional".

O processo de seleção dos desenhos permitiu Pollyanne enxergar além das linhas. "Ao ter acesso aos seus respectivos prontuários



HOSPICIO DE ALIENADOS
DO
Rio Grande do Norte

Papelêta Nº 817

Nome do doente: Silvino de Tal
Naturalidade: Rio Grande do Norte (Macahyba)
Filiação: Ignorou
Côr: Parda
Idade: 16 annos
Profissão:
Motivos da entrada:
Motivos da sahida: Falleceu
Estado á sahida: 23-2-23.
Entr. 11-4-22

ANAMNESE

Precedentes hereditarios:
Molestias nervosas
Molestias mentaes

Precedentes pessoaes:
Anomalias de desenvolvimento physico
Anomalias de desenvolvimento

Ficha do interno Silvino de Tal. Deu entrada em 1922, faleu em menos de um ano após sua entrada

Pollyanne Azevedo, produtora cultural

Desenhos de pacientes do Hospital João Machado para a exposição Ouça!

percebi que muito daquilo que fora retratado induzida/remetia de alguma forma à história de vida dos pacientes e outras vivências hospitalares", conta. Intitulada de "Ouça", a exposição mostrou a importância da arte no tratamento das doenças da mente. "Eu queria dar voz a seus criadores, mostrar que mesmo dentro de um ambiente energeticamente pesado e improvável, com sessões de intervenções medicamentosas, eles eram capazes de expressar através dos materiais disponíveis um mundo repleto de formas, cores, criaturas e personagens curiosamente incríveis. Então selecionei alguns desses criadores cujos desenhos me tocaram mais a fundo e organizei-os em pequenas coleções para que as pessoas pudessem acessar o universo criativo e particular de cada um deles".

SETE MARAVILHAS DA TURQUIA E DA GRÉCIA

Uma viagem alucinante pela magia da Grécia com seus monumentos antigos e a Turquia com suas belezas naturais

Octávio Santiago

1

Istambul tem um dos skylines mais bonitos da Europa. Do alto da Torre Gálata, é possível avistar as atrações mais famosas da cidade coroando o rio Bósforo. Na hora do pôr do sol, a vista é ainda mais incrível. Ao redor da Torre, o bairro de *Beyoğlu é cenário de boas caminhadas. Do outro lado da ponte Ataturk, no Bazar das Especiarias, os negócios fluem melhor do que no Grand Bazar, onde está a loja de Mustafá Ayata. Bem localizado, o restaurante Adonin reúne receitas tradicionais num ambiente moderno.*

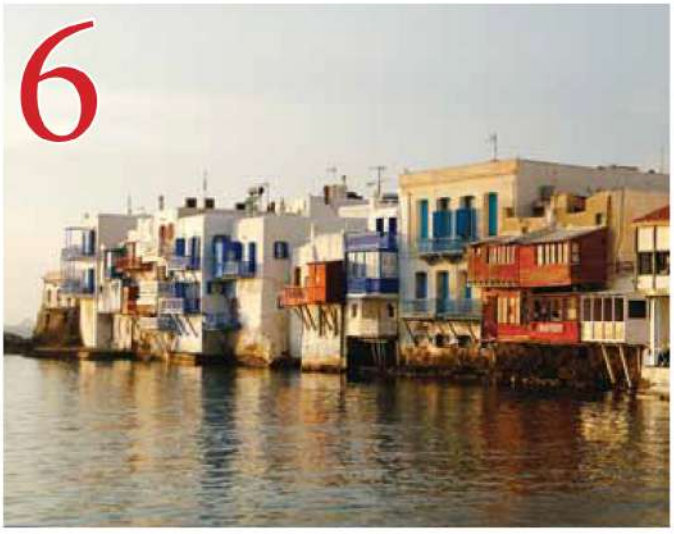
Por mais que se tente fugir à regra, não deixe de usufruir do tradicional passeio de balão na Capadócia, as autoridades estão aperfeiçoando as regras de segurança. E quem disse que é só em na novela Salve Jorge que se fala português por lá? A Sultan Balloons oferece passeios com pilotos lusos, facilitando as explicações para os menos fluentes no inglês, ora pois. A cidade de Göreme é o ponto de partida para explorar a região. Lá, é possível se hospedar em cavernas no Vezir Cave Suites ou tomar vinhos de adegas instaladas nelas, a exemplo do restaurante Dibek.

Nem é preciso falar turco para entender o significado de Pamukkale, que, na tradução, quer dizer "castelo de algodão". Os espetaculares terraços de travertino do local são autoexplicativos. Por trás deles, ainda há um segredo bem guardado: uma piscina de águas termais cheia de fragmentos de colunas de mármore, onde se pode dar um verdadeiro mergulho no passado. Em alto estilo, claro. Ali também estão as ruínas de Hierápolis, uma herança do período helenístico, um verdadeiro museu a céu aberto.

Fira pode ser mais animada, mas a Santorini do cinema está mesmo em Oia com seus domos azuis. O sobe e desce nas ladeiras que desafiam a gravidade é recompensado por vistas arrebatadoras do mar Egeu, que fazem da pequena vila um lugar muito fotogênico. O Red Bicycle tem um ambiente descolado e pratos refinados. As sobremesas do Melévio são de comer rezando. No pitoresco porto de Ammoudi, opções com frutos do mar recém-pescados. De volta a Fira, o Naoussa é uma taverna que pode se orgulhar dos sabores que oferece.

A origem vulcânica privou Santorini de ter areia branca. A praia mais inusitada da ilha é a Red Beach, localizada na porção sul. O acesso não é dos mais fáceis, mas a paisagem emoldurada por uma falésia vermelha surpreende até os nascidos e criados à beira mar. O passeio ainda permite uma visita à cidade subterrânea de Akrotiri, soterrada por uma erupção há 3.500 anos. Entre uma programação e outra, a parada gastronômica é no Dolphins, onde se come frutos do mar frescos em cima de um charmoso píer.

Mentalize o clima de uma badalada cidade praiana (que Búzios (RJ) conhece bem) ladeada por casas impecavelmente brancas, com portas e janelas coloridas. Esta é a atmosfera de Chora, capital de Mykonos. Depois de se perder no labirinto de ruas estreitas, o visitante encontra a Little Venice, onde casas construídas em palafitas dividem a enseada com várias opções de bares e restaurantes. Como o nome remete a Itália, o Aqua Taverna fica bem à vontade para agregar iguarias como o queijo pecorino e a trufa negra às suas receitas.



A Acrópole reúne os cartões postais mais populares de Atenas. Mas é na Antiga Ágora, por onde Sócrates e Platão praticavam a filosofia, que se pode fazer um dos passeios mais prazerosos e sossegados da cidade. Aos pés das duas atrações, no bairro de Plaka, em cada esquina, há uma boa oportunidade para compras. A crise financeira maquiada nas ilhas está evidente na capital, empurrando os preços para baixo. No Psyrri, jovens se amontoam nas calçadas à noite, com coquetéis e narguilés nas mãos, revelando a identidade festeira local.

Petit Bougainville
Condomínio Hotel

Registro de Incorporação N. 7376 - Matrícula: 78, Fls. 197/199 - Premotação N. 15.144 - Datado: 11/11/2019
Registro Notorial de Touros/RN

Informações sobre o *Petit Condomínio*

84 3693.2027

Rua Principal, 05 - Praia de São José - Paraíso do Gostoso - Touros/RN - CEP: 59.584-000

reservas@pousadaspadosamores.com.br

www.pousadaspadosamores.com.br

Casarão *de memórias*

Incrustrado na avenida Rio Branco, berço da aristocracia natalense, a residência da família Motta, resiste à passagem do tempo

Thiago Cavalcanti

QUEM SOBE PARA O centro da cidade pela Avenida Rio Branco, berço da aristocracia natalense, se depara com um belíssimo palacete, o último que restou em meio ao crescimento do comércio no coração da cidade. O casarão de nº 866, do industrial João Francisco da Motta, localizado no início da avenida, próximo ao Baldo, é um dos mais belos exemplares da arquitetura neoclássica. O imóvel foi construído em 1952 para abrigar a família composta de 13 filhos, além dos empregados. Do lado de fora, um vistoso gradil de ferro rendilhado dá acesso à residência e a algumas escadarias contornadas por belos jardins. O interior é uma volta ao passado: móveis chipandelle, lustres bacarat, tapetes persas, um lindo oratório; na sala principal, destaque para a pintura a óleo dos patriarcas João Francisco e D. Severina, pintado por Irmã Miriam (da Congregação das Filhas do Amor Divino), e dois pianos ingleses, que não podiam faltar na casa de qualquer moça de família.

O industrial do ramo de couro, chegou a Natal em 1935 vindo de Campina Grande-PB, acompanhado de sua esposa D. Severina e quatro filhos. A primeira filha a nascer em solo potiguar foi a famosa banqueteira Ignez Motta. A família morou em vários lugares, entre o bairro do Alecrim, o bairro do Tirol (Av. Hermes da Fonseca) e também numa casa que anos depois viria a se tornar o famoso bordel de Maria Boa. Quando comprou a casa, a família mandou derrubá-la e fazer outra a seu modo e estilo, com ajuda do construtor Joaquim Victor de Hollanda. A primeira residência com piscina e elevador da cidade, um elegante casarão que recebeu a alta sociedade das terras de Poty.

A sala onde o presidente João Goulart foi recepcionado

Ana Paula Motta disse que passou o melhor da infância no palacete

Muitos foram os visitantes e personalidades que passaram pelo palacete: o presidente João Goulart, amigo pessoal do saudoso deputado federal Clovis Motta, filho mais velho de João Francisco. Na ocasião, um banquete preparado pelas alunas da Escola Doméstica foi servido na sala principal da residência. O clero também era muito bem recebido. O bispo Dom Marcolino Dantas, amigo pessoal; direto do vaticano, o Monsenhor Mosconi, representante do Papa em missão especial, foi hóspede da família; o padre polonês José, que toda sexta almoçava um peixe preparado por D. Severina . Escritores de renome como Jorge Amado e Luiz da Câmara Cascudo também marcaram presença lá, sem mencionar personalidades políticas e históricas como o inesquecível Aluízio Alves, o Major Teodorico Bezerra, entre outros.

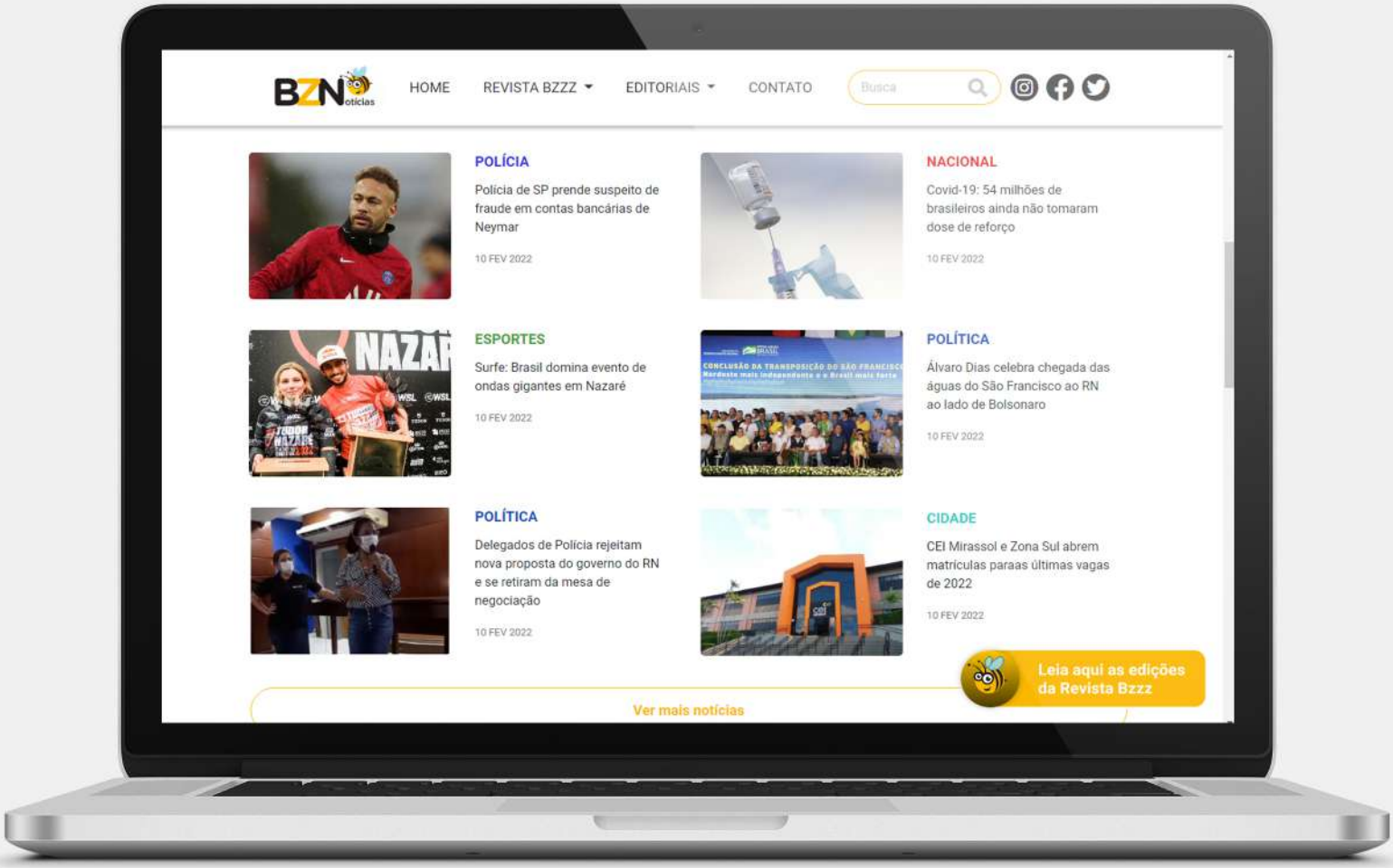
O casarão ficou conhecido por realizar festas nababescas: casamentos, festas de 15 anos e as reuniões rotarianas que o patriarca João Francisco fazia questão que acontecessem em seus domínios, tudo regado à mesa farta. No carnaval, o ponto certo para os famosos assaltos dos blocos Jardim de Infância, Puxa-Saco, Ressaca e Bakulejo era nos alpendres da família, para alegria e diversão do clã, mas alegria mesmo era a da matriarca Severina em ver a entrada do Bloco dos Índios, com suas fantasias adornadas de muitas plumagens. No entanto, a festa que entrou para a história da mansão e dos natalenses foi as Bodas de Ouro do casal em 1º de setembro de 1977. Foram três dias de festa sem parar, os salões da residência receberam a fina flor da sociedade potiguar e de outros Estados.

Coincidências da vida

O casal faleceu na mesma data, mas em anos diferentes. Ele em 12 junho de 1981 e ela em 1985. O tempo passou, mas o casarão continua imponente, sob o comando de Suzana Motta, filha caçula do industrial que reside com duas filhas. "Preservamos a casa como no tempo de meus avós. Eu e meus primos passamos a melhor infância nesta casa", disse a neta do casal Ana Paula Motta. Suzana considera a vida na Avenida Rio Branco tranquila, apesar do barulho dos veículos que transitam pela via. No palacete, marcas de um tempo que não volta mais. As boas lembranças, porém, ficaram na memória dos familiares e frequentadores dessa épica construção que restou em meio à selva de pedra do centro da cidade.

O casal Motta em pose com filhos, genros e noras

www.bznoticias.com.br



COLMEIA DE NOTÍCIAS

No nosso site BZN você fica informado com as notícias diárias e também pode acessar todas as edições da REVISTA BZZZ.

@revistabzzz @revistabzzz bznnoticias Revista Bzzz

VIVA À VIDA!

Fotos João Neto

O Iate Clube de Natal foi palco de mais uma vez palco do Réveillon a Bordo, com as águas do Rio Potengi como testemunha, com direito a queima de fogos e bufê com ilha de frios, mesa de doces e ilha de coquetéis.

Ana Laura e Osair Vasconcelos

Carol e Walter Alves

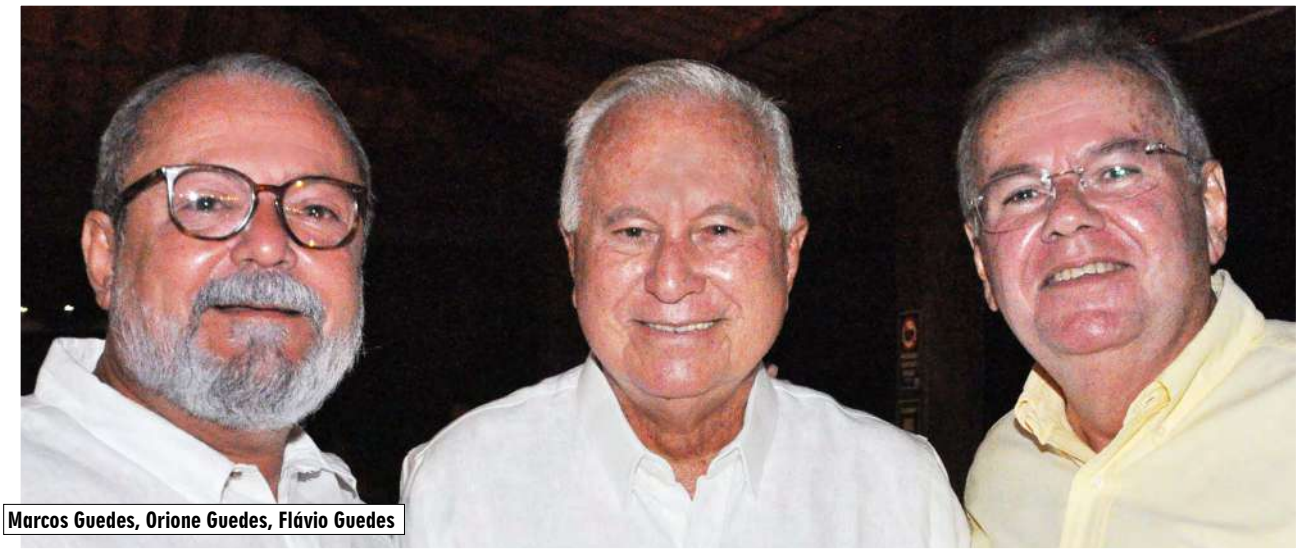
Ana Leila e Edson Fernandes

Iociane e Nélio Wanderley

Karla Motta e Sávio Hackradt

Isabelle e Rubens Mariz

Katerine e Arcelino Fernandes


Marcos Guedes, Orione Guedes, Flávio Guedes

Luciana e Kaleb Freire

Manuel Freire e Eugênia Chagas

Arquivo Pessoal

LUIZ THADEU NUNES E SILVA
Eng. Agrônomo, Palestrante, cronista e viajante: o sul-americano mais viajado do mundo com mobilidade reduzida, visitou 143 países em todos os continentes

PLANETA **ELZA**

Outubro de 2016, soube por brasileiros hospedados no hostel que Elza Soares se apresentaria em Lisboa no dia seguinte. Como nunca tinha visto nenhum show de Elza, me animei para ir assistir. No dia seguinte lá estava eu no Coliseu. Fazia muito frio para um nordestino como eu, acostumado aos 30º na caliente São Luís do Maranhão, minha Ilha do Amor.

Acenderam as luzes, no centro do palco àquela mulher pequena, em cadeiras de rodas, a hipnotizar todos com sua voz rouca e potente, que lembrava as eternas divas do jazz americano. O nome do show era "A mulher do fim do mundo", premiado com o Grammy Latino para Melhor Álbum de MPB, seu trabalho mais recente, o primeiro da sua carreira só com temas originais. Sucesso de crítica e público, aquela pequenina mulher de 85 anos agigantava-se elevando o tom de sua potente voz.

Como acho que a música e o sexo me conectam com Deus, não necessariamente nesta ordem, estava em êxtase, em gozo cósmico.

Uma coisa é assistir um show de um brasileiro, ou brasileira, em terras tupiniquins, outra coisa é assistir em terras estrangeiras, a emoção é muito maior.

Dá vontade de gritar "esse é o Brasil que queremos mostrar para o mundo".

A longeva trajetória de Elza tinha tudo para dar errado, mas ela driblou o tempo o todo, todas as mazelas da vida, e, ao morrer, na tarde de 20 de janeiro, de causa natural, serena, em casa, no Dia de São Sebastião, tinha o reconhecimento máximo, em vida, pelo conjunto da obra, do público e da crítica.

Elza morreu em uma triste coincidência, no dia em que se partiu, há 39 anos, Mané Garrincha, jogador de futebol com quem foi casada de 1966 a 1982. Eles tiveram um filho, Garrinchinha, morto em 1986, em um acidente de carro.

Elza da Conceição Soares, ou apenas Elza Soares, como ficou conhecida do público, nasceu no RJ, em 23 de junho de 1930. Criada na favela de Água Santa, hoje Vila Vintém, na zona norte carioca, tinha propriedade para cantar os versos do samba Lata D'Água, sucesso do Carnaval de 1952.

De infância pobre, tornou-se mãe aos 13 anos, viúva aos 21, com cinco filhos. Viu seu destino mudar quando resolveu enfrentar o temível Ary Barroso em seu programa "Calouros em Desfile", na Rádio Tupi. Tirou a nota máxima ao interpretar o bolero Lama.

No programa, em que foi com as roupas da mãe, bem mais gorda do que ela, Ary Barroso, achando-a exótica, lhe perguntou: "De que planeta você veio, menina?".

Ela de pronto respondeu: "Do planeta fome, seu Ary". O auditório, que gargalha-

Foto: Last.fm/reprodução

va, ficou em silêncio. De lá ela saiu com prêmio e dinheiro para alimentar os filhos.

A partir daí foi ser crooner de orquestra na noite carioca até ser contrata pela gravadora Odeon, no final dos anos 50, na qual gravou seu primeiro disco. Logo de início emplacou sucessos como os sambas: Mulata Assanhada, Boato e Beija-me.

Em 1966, casou-se com o craque do Botafogo e da Seleção Brasileira Mané Garrincha. O casal passou por altos e baixos. Durante o período militar, Elza foi perseguida e os dois tiveram que deixar o Brasil após a casa em que moravam, no Rio, ter sido metralhada. Foram morar na Itália.

Nos anos 1970, seguiu emplacando sucessos e gravando regularmente. Dessa época, destaca-se "Salve a Mocidade".

Na década seguinte, sem espaço na mídia, foi reabilitada por Caetano Veloso, que a convidou para uma participação na faixa Língua, de seu disco Velô, de 1984. Voltou a ser abraçada pelo público e pela classe artística.

Em 1999, foi eleita a cantora do milênio pela BBC de Londres, título que ostentava com orgulho e a que fez voltar com tudo para a mídia, sobretudo com o espetáculo "Dura na Queda", que deu origem ao CD Do "Cócix Até o Pescoço", no qual gravou canções inéditas de Chico Buarque, Jorge Ben Jor, Caetano Veloso. Nesse álbum está a canção "A Carne", de Marcelo Yuka, Seu Jorge e Wilson Cappelette, que virou um hino contra o racismo e que passou a fazer parte de praticamente todos os shows da cantora dali em diante. Ela ganhou ainda cinco prêmios Grammy latino.

Em 2015, deu início a uma trilogia que resultou em A Mulher do Fim do Mundo (2015), Deus É Mulher (2018) e Planeta Fome (2019), Nesses trabalhos, deu espaço para novos compositores e denunciou, por meio das canções, temas como a violência contra a mulher e a desigualdade social do País.

Com esses trabalhos, já perto dos 90 anos de idade, multifacetada, diferenciada, atemporal, renovou seu público e passou a atrair jovens para seus shows e redes sociais.

Em uma época quando grande parte da mulheres mais velhas abdicou dos prazeres sexuais, Elza continuava cantando, encantando, namorando homens jovens, gozando a vida como deve ser até o final. Descobriu o elixir da longa vida.

Da Vila Vintém, Mulher do Fim do Mundo, negra, que tinha tudo para dar errado, virou o jogo e, aos 91 anos, eternizou-se, foi brilhar em outra dimensão. Daqui a duzentos anos ninguém saberá quem é o atual mandatário da República, mas com certeza saberão quem foi Elza da Conceição Soares, ou simplesmente Planeta Elza.

experimente
É GRÁTIS

Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

Informação rápida, simples e barata.

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!

boraler
publicações digitais

Get it on Google play
Available on the App Store
Disponível também na web

www.boraler.com.br